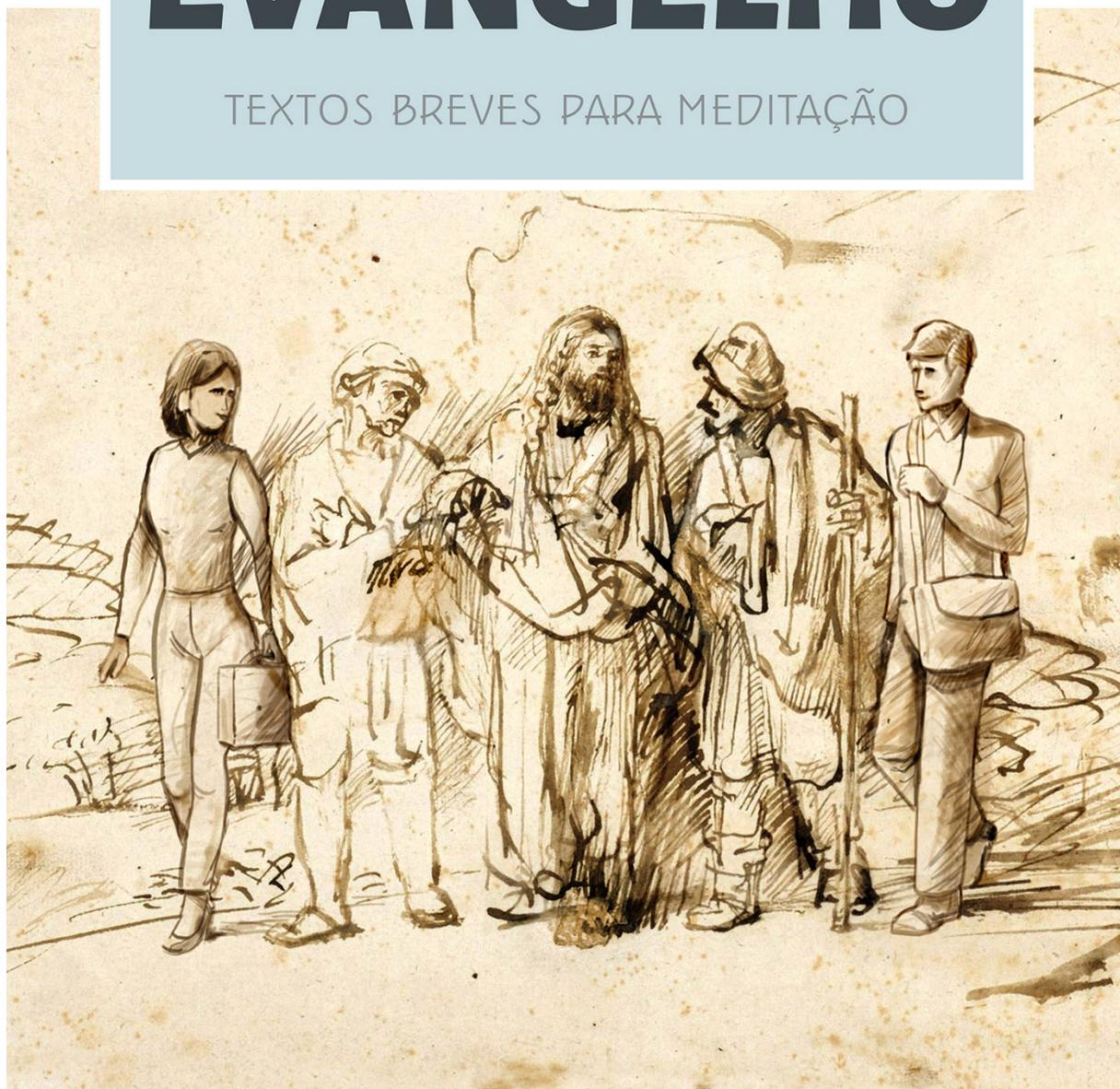


MONS. FERNANDO OCÁRIZ

À LUZ DO EVANGELHO

TEXTOS BREVES PARA MEDITAÇÃO



À LUZ DO EVANGELHO

Textos breves para meditação

Mons. Fernando Ocáriz

© Gabinete de Informação
do Opus Dei

VERSAO 1

www.opusdei.pt

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

NADA MAIS FORTE QUE O AMOR

DEUS CONTINUA A CHAMAR

DIZER SEMPRE QUE SIM

MÃE DA ESPERANÇA

FAMÍLIA QUE ILUMINA

OS DOIS

MARIA, A ALEGRIA DE DEUS

SILÊNCIO

UM DEUS ESCONDIDO

GRATIDÃO

PAZ PARA A HUMANIDADE

APRESSAR-NOS

RESPIRAR O EVANGELHO

O AMOR NÃO SABE DE REFORMA

PARA O EGITO

ESCUta: SILÊNCIO EM AÇÃO

FILHOS NA IGREJA

JUVENTUDE E VOCAÇÃO

DINAMISMO DE SAÍDA

AMIZADE DE MARIA

"DILUIR-SE" EM DEUS

CIDADÃOS DO CÉU
DEUS NA MINHA CASA
UM DEVER ENTRANHÁVEL
LIBERDADE DE ESPÍRITO
SINAIS DA SEDE
AO ENCONTRO DOS NOSSOS CONTEMPORÂNEOS
BARCA VELHA E BARCA NOVA
JUVENTUDE DE ESPÍRITO: OLHAR PARA A FRENTE
DISCERNIMENTO NO AMOR
CASA, TAREFA, PÁTRIA
FELIZES
A ATUAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS
O SEGREDO DA JUVENTUDE
HORIZONTES
COMPAIXÃO: EMPATIA NO SOFRIMENTO
ABERTURA
COMPREENSÃO
DESPROPORÇÃO
BOA TERRA
PRIMAZIA DE DEUS
ABANDONO EM DEUS
VER
ALEGRIA SEM MEDO
ALIMENTO
DEBAIXO DO MESMO TETO

TRABALHAR EM CAUSA PRÓPRIA
COLABORADORES
CENTRO E RAIZ
A MURMURAÇÃO BANALIZADA
COM A TUA AJUDA
UMA PROMESSA DE JESUS
O PRESENTE TRANSFIGURADO
SEM ELE, NADA PODEMOS
FÉ NA MISERICÓRDIA
TIBIEZA
DE BRAÇO DADO COM TODOS
PEDRAS VIVAS
A LIBERDADE DE JESUS
DE QUE PRECISA?
ALMAS DE ORAÇÃO
MISÉRIA E GRANDEZA
CONVERSÃO
A FESTA ETERNA
UMA GRANDE FESTA
ADOTADOS E ELEVADOS
A NOSSA MANEIRA DE REZAR
SUBIRAM AO TEMPLO
O ÚLTIMO LUGAR
INTERROGAÇÕES DE JUVENTUDE
ARRISCAR

O BEM DE DEUS
O BEM DO PRÓXIMO
PACIÊNCIA E IMPACIÊNCIA
IRMÃOS DE TODOS
O AMOR ANTECIPA-SE
ATÉ AO EXTREMO
SERMOS AMADOS POR DEUS
"PRE-OCUPAR-SE"
REVESTIR-SE DE CRISTO
DA MISSA EM MISSA
CHAMA OS POBRES
IMAGEM DE DEUS
A NOSSA VIDA
PAZ E INCERTEZA
TRANSMITIR PAZ
DESCOMPLICADOS
SEM DISTINÇÕES
INOVAR O AMOR
O QUE CUSTA
A ALEGRIA DOS FILHOS DE DEUS
NOVIDADE
MEIOS COM ALMA
O MUNDO VOS ODIARÁ
SENTIR A TUA PRESENÇA
A COMUNHÃO DO AMOR

UNIDADE E DIVISÃO
O CENTRO DAS ESPERANÇAS
SOFRER COM JESUS
CANSAÇO NA ORAÇÃO
O OLHAR DE CRISTO
PLURALISMO E CARIDADE
REI
ECCE HOMO, UM DEUS FRÁGIL
ENCHER O MUNDO DE HUMANIDADE
CRUZ E PARAÍSO
SOFRIMENTO E CLAREZA
FILHOS COM MARIA E JOSÉ
CRISTO DISPONÍVEL
CONSOLAR CRISTO E A SUA MÃE
CRISTO NOS OUTROS
UMA NOVA LUZ
ALI O VEREIS
UMA PERGUNTA DO SENHOR
DESPOJADO
A PROMESSA DO ESPÍRITO
O ÚLTIMO PORQUÊ
COMUNHÃO E ETERNIDADE
VASOS DE BARRO

APRESENTAÇÃO

Nunca ninguém falou assim (Jo 7, 46)

Hoje, em muitas e variadas partes do mundo, milhões de pessoas meditam, ouvem, leem, rezam com o Evangelho. A vida e a pregação de Jesus iniciaram um diálogo com as mulheres e os homens de todos os tempos: «Jesus não nega a ninguém a Sua Palavra, e é uma Palavra que cura, que consola, que ilumina»¹. O que o leitor tem nas mãos é uma coleção de textos breves, que se abrem – e nalguns casos dialogam – com um versículo do Novo Testamento, quase sempre dos Evangelhos.

O núcleo original do livro *À Luz do Evangelho* é um conjunto de anotações registadas num caderno, desde 1977, como ideias para a pregação. Não são, portanto, exaustivas nem exegéticas. Agora, a pedido do editor, dei-lhes um mínimo de revisão, para as tornar publicáveis, embora mantendo a linguagem esquemática das notas originais. Entre estes textos, existem também outros apontamentos mais recentes que tenho utilizado em várias cartas e mensagens pastorais².

As anotações têm datas e temas diversos, com uma ordem em que prevalece a cronologia da vida e ensinamentos de Jesus Cristo, a partir da citação evangélica escolhida – às vezes posteriormente –, para abrir cada consideração. Algumas, poucas, dessas anotações são precedidas por citações de outros escritos do Novo Testamento. Nestes casos, as notas não seguem o critério cronológico, mas uma certa conexão temática com os apontamentos precedentes.

Gostaria de que estas páginas, com a mesma finalidade que tiveram na sua origem, ajudassem à oração, e convidassem a um contacto mais direto com Jesus Cristo, que é a luz das nossas vidas, Ele que, em cada pessoa, em cada momento, fomenta inspirações diferentes.

No Evangelho, a Palavra e a Verdade coincidem, e a sua leitura é uma janela aberta para o Céu. "O Verbo estava com Deus" (Jo 1,1), e ao chegar a plenitude dos tempos, o Verbo faz-se homem e comunica a verdade sobre Deus e sobre o mundo. Deus revela-se a nós como Amor. No contacto direto com o Evangelho, encontramos Cristo na Sua santíssima Humanidade e, se Lho permitirmos, Ele habita no centro da nossa existência.

Conhecer Jesus é uma experiência pessoal, mas não solitária. Juntamente com o Senhor, acompanham-nos as pessoas que com Ele se relacionaram durante a Sua vida na terra, e às quais essa relação transformou. À medida que nos aproximamos de Cristo, encontramos também o próximo, que convive connosco no mundo presente, irmãos e irmãs que Ele procura com amor: Jesus Cristo fala com todos.

Que este pequeno livro renove o nosso desejo de meditar o Evangelho, com atitude contemplativa e de escuta. De vez em quando, reconheceremos mais claramente a voz do Mestre, reclamando talvez uma resposta. Então, com a ajuda de Deus, que Lhe saibamos dizer, como Santa Maria, "Faça-se em mim segundo a Tua palavra" (Lc 1,38).

Roma, 31 de maio de 2020

(Durante o período de
confinamento pela Covid-19)

Voltar ao índice

¹ S. Josemaria, Carta 24-X-1965, n. 10.

² Algumas notas de 1992 foram posteriormente publicadas, com ligeiros retoques, em: Vivir como hijos de Dios. Estudios sobre el Beato Josemaría Escrivá, Eunsa, Pamplona 1993. Há uma edição portuguesa: Viver como filhos de Deus.

NADA MAIS FORTE QUE O AMOR

"E nós conhecemos e acreditamos no amor que Deus nos tem" (1 Jo 4,16)

Com a graça e a fé, não é difícil acreditar, assim em geral, que Deus nos ama. Além disso, podemos enumerar tantos benefícios que recebemos das Suas mãos.

Contudo, esta fé no Seu amor mostra-se muitas vezes pouco atualizada, pouco crida. Pois se Ele nos ama a todo o momento, porque nos inquietamos em situações de angústia, de cansaço, de contrariedade, de experiência viva da miséria, até mesmo no próprio pecado, apesar dele e com ele? Porque perdemos a paciência?

Se acreditamos verdadeiramente que Deus nos ama, se cremos no amor que Ele nos tem, que mais queremos, que mais nos pode faltar?

Por isso, no silêncio da oração, na presença de Deus, perante o Seu olhar misericordioso, é lógico que consideremos os benefícios que Ele nos concede, partindo deste, tão fundamental: o Seu amor e a Sua fidelidade por cada um de nós.

E quando chegar a contradição, ou a injustiça, ou uma situação em que perdemos a paz e a alegria que acompanha quem se abandona em Jesus Cristo, recorramos a Ele com fé, como fizeram os apóstolos: Domine, adauge nobis fidem! (Lc 17, 5), Senhor, aumenta-nos a fé... no amor que Tu nos tens.

E assim poderemos viver e experimentar na própria pele aquela exclamação confiada de S. Paulo: "Se Deus está connosco, quem contra nós?" (Rm 8, 31). Não há na terra nada nem ninguém mais forte do que o amor de Deus por cada um de nós.

24 de março de 1977

[Voltar ao índice](#)

DEUS CONTINUA A CHAMAR

"Como posso ter a certeza disso? Porque já sou velho e a minha mulher é de idade avançada " (Lc 1,18)

Isabel e Zacarias não tinham podido ter filhos e já não estavam à espera deles. O passar do tempo mostrara-se como uma cadência de possibilidades que se tinham desvanecido.

Tantos idosos se podem considerar inúteis num mundo em que conta mais o fazer do que o ser. No tempo de Isabel e Zacarias, que experimentavam a falta de descendência como um peso, o ambiente social também não ajudava.

Como poderiam Isabel e Zacarias imaginar que, na sua idade, tinham sido escolhidos para desempenharem um papel importante no plano da Redenção? O seu filho João seria o precursor de Jesus Cristo.

Jesus incarnou os ritmos da existência humana. A infância, a adolescência e a maturidade. Por outro lado, o seu sofrimento físico e moral lançam luz, num certo sentido, sobre a velhice.

Toda a vida de Jesus foi redentora, e Ele realizou o culminar da Sua missão às portas da morte, e com a Sua própria morte. Fez de nós filhos de Deus, entregou-nos a Eucaristia e o Mandamento Novo, prometeu o Espírito Santo, deu-nos a Sua Mãe.

A velhice é uma etapa tão boa como qualquer outra para responder ao assobio do pastor. Deus continua a chamar-nos para nos entregarmos ao serviço dos outros, e consegue- nos o impulso da juventude interior.

12 de fevereiro de 2020

[Voltar ao índice](#)

DIZER SEMPRE QUE SIM

Então Maria disse: "Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1,38)

O sim de Maria ao Anjo, na sua casa de Nazaré, abre as portas à Encarnação e à Redenção. A sua resposta afirmativa muda o rumo da História.

Como a graça de Deus não nos falta, também nós podemos dizer que sim a essas chamadas que o Senhor nos faz durante o dia, mesmo que sejam normalmente em assuntos de pouca importância.

Mas pode acontecer com alguma frequência que não reconheçamos como um pedido divino aquilo que vemos e ouvimos, num dado momento: um pedido de ajuda, uma mudança de planos, uma "ocorrência" para sermos mais generosos nesta ou naquela circunstância.

Por vezes não vemos nem ouvimos essas chamadas porque não queremos. Outras vezes, porque o ruído exterior ou interior nos atordoia. Então, imploramos como o cego Bartimeu: "Senhor, que eu veja" (Mc 10, 51). E acrescentemos: Senhor, que eu Te queira ver, que Te ouça, que Te queira ouvir... para poder repetir centenas de vezes, ao longo do dia, a poderosa afirmação de Maria: "Faça-se em mim segundo a Tua palavra".

6 de março de 1979

[Voltar ao índice](#)

MÃE DA ESPERANÇA

"Uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David, o nome da virgem era Maria" (Lc 1, 26-27)

Ela respondeu ao anúncio do Anjo: "Eis aqui a escrava do Senhor..." (Lc 1, 38). E o Verbo se fez carne.

Para qualquer mãe, a espera de um filho, de uma filha, é tempo de esperanças humanas. Em Maria, essa espera teria ressonâncias salvíficas universais, porque ela sabia que trazia no seu seio o Redentor do mundo. Na sua visão de futuro, estava, de certa forma, cada um de nós. Já nessa espera, a Virgem Maria sentiria o peso de toda a humanidade, de ser a "nova Eva".

A plenitude de graça em Maria não impediu que o sofrimento estivesse presente na sua vida, desde Belém até ao Calvário. Maria – escreve o Papa Francisco – "ensina-nos a virtude da espera, mesmo quando tudo parece sem sentido (...), quando Deus parece eclipsar-se por culpa do mal do mundo". Ela sustenta-nos em cada passo, e diz-nos: "Levanta-te, olha em frente, olha para o horizonte, porque ela é a Mãe da esperança"³.

Com a luz da fé, o sofrimento adquire um sentido, torna-se mais suportável e pode mesmo chegar a tornar-se um espaço onde encontrar clareza, paz e alegria interior.

Desejamos que ninguém sofra, mas, porque sabemos que o sofrimento faz parte da existência humana, também aprendemos a passar por ele com os outros, a revesti-lo de amor. Na Encíclica *Spe Salvi* (Salvos na esperança), de Bento XVI, lemos: " Não é o evitar do sofrimento, a fuga diante da dor que cura o homem, mas a capacidade de aceitar a tribulação e de nela amadurecer, de encontrar o seu sentido através da união com Cristo, que sofreu com infinito amor"⁴.

À Virgem Maria, Mãe da esperança, confiamos de maneira especial o presente e o futuro da Igreja. A sua confiança segura no

Filho manteve a Igreja nascente unida, naqueles momentos de fragilidade: vários discípulos fugiram, um tinha renegado Jesus, outros duvidaram, todos tiveram medo. Ela infundia esperança (cf. At 1, 14).

5 de maio de 2020

[Voltar ao índice](#)

³ Francisco, Audiência Geral, 10-5- 2017.

⁴ Bento XVI, Spe Salvi, n. 37.

FAMÍLIA QUE ILUMINA

*Um anjo do Senhor apareceu-lhe num sonho e disse-lhe: "José, filho de David, não tenhas receio de receber Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou é obra do Espírito Santo"
(Mt 1, 19-21)*

Um anjo tranquiliza S. José num momento de perplexidade.

A história do lar de Nazaré não é uma história idealizada: sim, a Sagrada Família foi sem dúvida a mais feliz que alguma vez houve e haverá na Terra, mas não deixou de ter que enfrentar, desde o início, contrariedades e problemas sérios.

"Para aqueles que amam a Deus todas as coisas concorrem para o bem" (Rm 8, 28), como escreve S. Paulo. Muitos de nós recordamos que S. Josemaria resumia esta frase em três palavras: Omnia in bonum, "tudo é para bem".

Tudo é para bem: um problema económico que nos obriga a mudar de planos, os desafios que a educação dos filhos envolve, as dificuldades para harmonizar um trabalho exigente com os cuidados da casa... Tudo é para bem, se tudo pomos nas mãos de Deus. Ele dar-nos-á a força para transformar os contratempos em ocasiões de crescer como família, para fazer que esses pequenos ou grandes dramas acabem por unir mais a família, porque se vivem entre todos, com amor.

No meio das suas imperfeições e dificuldades, cada família é geradora de civilização e de bem quando se esforça por fomentar a comunhão, o perdão, a solidariedade. Sem esperar que tudo em sua casa corra na perfeição. Cada família pode dar luz e calor a outras famílias, amigos, vizinhos...

1 de setembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

OS DOIS

*"E ela dará à luz um filho, e chamar-lhe-ão Emanuel, que significa Deus-connosco"
(Mt 1, 23)*

Cristo permanece connosco.

Por vezes, antes de começar um trabalho, S. Josemaria dizia ao Senhor: "Jesus, vamos fazer isto os dois".

Jesus está connosco, e nós somos Seus instrumentos. Isto exige atuar bem, trabalhar bem. Caso contrário é, de certa forma, como se fizéssemos o Senhor "ficar mal", por culpa do instrumento.

Jesus e eu. É uma relação pessoal, única, insubstituível.

Mas ao mesmo tempo, a união com Cristo – se for autêntica – torna-se união com o Corpo de Cristo que é a Igreja: comunhão com Deus, comunhão dos santos.

A relação "Jesus e eu" torna-se união para os outros, com os outros.

5 de março de 2014

[Voltar ao índice](#)

MARIA, A ALEGRIA DE DEUS

"Bem-aventurada és tu, que acreditaste"

(Lc 1, 45)

Maria vai ao encontro de Isabel, quem melhor do que ela a poderia compreender? Conversam sobre os filhos que esperam, Jesus e João. O Espírito Santo inunda a cena da Visitação (Lc 1, 39). João reconhece a presença divina e exulta de alegria, atuando já como precursor: anunciar Cristo é ter e dar a verdadeira alegria.

Isabel louva a fé de Maria, e Maria recita o Magnificat (Lc 1, 46-56): "A minha alma glorifica o Senhor...". Entendendo no texto grego, "magnificar" como engrandecer, queremos glorificar, dar glória ao Senhor, "tornando-O grande" na nossa alma, nas nossas obras, abrindo-Lhe todo o espaço da nossa vida. E tornar grandes – amando e servindo – os outros.

Neste hino, Maria recorda a promessa da misericórdia de Deus "de geração em geração" e a predileção de Deus pelos humildes. Maria irá apoiar -se na sua grande fé em Deus quando não compreender – "Filho, porque nos fizeste isto?" (Lc 2, 48) –, sobretudo junto à Cruz. Antes disto, João tinha sido decapitado por Herodes... Aos pés da Cruz, as memórias da Visitação talvez parecessem nubladas, mas não a fé e a esperança na Ressurreição de Cristo.

Maria, antes e mais do que ninguém, tinha cumprido o que se tornaria depois a aspiração de Paulo: "Agora alegre-me nos sofrimentos que suporto por vós, e completo na minha carne o que falta à Paixão de Cristo pelo Seu corpo, que é a Igreja" (Cl 1, 24).

A luminosidade e a fé de Maria e de Isabel, ao considerarem a grandeza de Deus, contrastam dolorosamente com o pessimismo contemporâneo que vê muitas vezes em Deus uma barreira para a plenitude humana. Que possamos refletir nas nossas vidas a alegria e a liberdade daqueles que sabemos pela fé que Deus nos fez Seus filhos. Filhos, não escravos (cf. Gl 4, 7).

31 de maio de 1999

[Voltar ao índice](#)

SILÊNCIO

"E deu à luz o seu filho primogénito, que envolveu em panos e deitou numa manjedoura" (Lc 2,7)

No silêncio de Belém – pelas mãos de Maria e de José – as nossas alegrias, os nossos anseios e as nossas tristezas encontram o seu lugar com uma luz renovada.

Na noite em que celebramos o nascimento do Menino Jesus, até o ambiente exterior acompanha a nossa atitude interior. No silêncio da noite, o Filho de Deus espera-nos.

Aproximemo-nos da simplicidade e do silêncio de Belém! Deixemo-nos envolver por esse recolhimento do coração que é "como que o porteiro da vida interior"⁵.

16 de dezembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

⁵ S. Josemaria, Caminho, n. 281.

UM DEUS ESCONDIDO

"E isto vos servirá de sinal: encontrareis um menino envolto em panos e deitado numa manjedoura" (Lc 2,12)

Já desde o nascimento de Jesus, é necessário que um anjo dê indicações precisas aos pastores: envolto em panos, reclinado numa manjedoura. Sem estes esclarecimentos, não teriam reconhecido no Menino o Messias, o Salvador.

Porque não se manifesta de forma patente ao mundo inteiro? Porque não se nos apresenta de uma forma mais evidente, hoje, nas nossas casas, nas nossas cidades, nos nossos locais de trabalho?

Só há uma resposta: o Seu amor, porque "Deus é amor" (1 Jo 4, 8 e 16).

Se Deus se manifestasse mais do que já faz, o pecado daqueles que não O reconhecem seria maior, enquanto que, escondido, oferece a Sua graça a todos. Podemos pensar que uma manifestação, hoje e agora, de Deus no Seu poder e majestade não levaria à salvação de mais almas, mas a uma maior gravidade dos nossos pecados, das nossas faltas de generosidade.

Assim acontece com Cristo Ressuscitado. Aí estão, para no-lo demonstrar, aqueles fariseus que não acreditaram n'Ele, nem sequer tendo presenciado os Seus milagres. Até mesmo nesses momentos, Jesus escolhe o caminho da não-evidência, de não Se manifestar a todo o mundo.

Senhor, Tu és verdadeiramente "o Deus escondido" (Is 45, 15): oculto por amor. Oculto, mas não invisível (cf. Jo 1, 1-18).

21 de agosto de 1980

[Voltar ao índice](#)

GRATIDÃO

"Glória a Deus nas alturas!" (Lc 2, 14)

Obrigado, Senhor, porque somos, porque nos criaste, porque nos sustentas no ser!

Obrigado, Senhor, pela Tua graça – o Teu perdão – a Tua providência, o Teu amor: obrigado pela filiação divina!

Obrigado, Senhor, pela vocação batismal, pela forma como nos foste conduzindo pela mão, apesar da nossa pouca correspondência.

Obrigado, Senhor, pela confiança que tens em nós, que não temos merecido, nem merecemos.

Perdoa, Senhor, a nossa ingratidão: tantas vezes não te demos graças!

Nunca esqueçamos a razão para um contínuo agradecimento: o amor de Deus por nós. Deus tornou-se um de nós em Cristo e guia os nossos passos.

Antes de mais, pensar no que Deus fez e faz por mim. Não pretender basear a segurança naquilo que eu fiz e faço por Deus, porque será sempre pouco (o meu), e na realidade, o que eu fizer será – isso mesmo – dom de Deus.

Ut in gratiarum semper actione maneamus! Permaneçamos sempre em ação de graças.

8 de março de 2001

[Voltar ao índice](#)

PAZ PARA A HUMANIDADE

"Paz aos homens de boa vontade" (Lc 2,14)

O eco deste cântico dos anjos enche o mundo inteiro, ativando em nós uma alegre esperança. Sobretudo porque a paz se nos tornou próxima e a podemos contemplar no rosto de uma Criança: "Ele é a nossa paz" (Ef 2,14), como S. Paulo escreveu algum tempo depois, ao considerar o mistério de Jesus Cristo.

O mundo está muito necessitado de paz. Cada um de nós, as nossas famílias, os nossos locais de trabalho, os ambientes em que nos movemos... todos precisamos desse Menino que os anjos anunciaram como o Salvador (cf. Lc 2, 11).

Sem Ele, todos os esforços para pacificar os corações são insuficientes. Por isso, a Igreja não deixa de falar de Jesus às pessoas, como os pastores fizeram depois de O terem visto no presépio (cf. Lc 2, 16-18). Também nós O queremos anunciar. No apostolado, "é de Cristo que devemos falar, não de nós mesmos"⁶.

Meditemos frequentemente sobre o grande mistério do amor de Deus, neste Menino que nos nasceu (cf. Is 9, 5). Como é fácil encontrar e reencontrar a paz, a serenidade, ao considerarmos a cena do Nascimento, deixando-nos cativar por Jesus no presépio, rodeado por Maria e José! Contemplando este mistério de amor, o Senhor nos dará também novos impulsos para O comunicarmos aos outros.

19 de dezembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

⁶ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 163

APRESSAR-NOS

"Os pastores foram a toda a pressa e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura" (Lc 2, 16)

Diante de Jesus no presépio, rodeado pelo imenso afeto de Maria e de José, queremos sentir-nos assim: pequenos. Contemplando Jesus Menino, intuímos os ecos da profecia de Isaías –"o Senhor realizará plenamente e prontamente a Sua palavra sobre a terra"(Is 10, 23) – que S. Paulo menciona (cf. Rm 9, 28). Deus, em Cristo, fez-se pequeno por nós.

Também nós queremos apressar-nos, especialmente perante Ti, Senhor, para que possamos ter a confiança e a simplicidade das crianças. E também perante os outros: ter-nos em menos consideração, com empenho por servir, dedicação, verdadeiro interesse pelas suas necessidades, evitando a suscetibilidade. Que os outros se possam apoiar em nós.

Para isso, tal como os pastores, temos de caminhar com uma pressa cheia de paz e desejo de encontrar o Salvador, sem nos distrairmos pelo caminho.

Que nos entretém para não avançarmos rapidamente para o Senhor? Pode acontecer que percamos de vista a nossa meta. Vamos ao Teu encontro, Jesus. E contudo, às vezes, distraímo-nos e temos dificuldade em encontrar-Te no trabalho – sobretudo quando se torna mais duro – no descanso, na vida familiar, nos outros.

Nesses momentos, olhemos para esse Menino, que é Deus e que quer sujeitar-Se à normalidade e ao sofrimento, a partir do presépio de Belém.

29 de dezembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

RESPIRAR O EVANGELHO

"Maria conservava todas estas coisas, ponderando-as no seu coração" (Lc 2,19)

Ler o Evangelho com carinho ajuda-nos a crescer na amizade com Jesus. Ao contemplarmos a vida do Senhor, Deus vai-nos surpreendendo com luzes novas.

Embora às vezes possa parecer que essa leitura não deixa marcas, posteriormente, as palavras de Jesus, as Suas reações e os Seus gestos vêm-nos aos lábios ou ao pensamento, iluminando as situações comuns ou menos comuns das nossas vidas. Trata-se de respirarmos com o Evangelho, com a Palavra de Deus.

Com este desejo de mergulhar profundamente no Evangelho, ao falar da vida cristã com os nossos amigos, poderemos transmitir com maior luminosidade a grande notícia do amor de Deus por cada um de nós.

Santo Ambrósio costumava dizer: "Recolhe a água de Cristo (...). Enche o teu interior com esta água, para que o teu solo fique bem humedecido... e, uma vez cheio, irrigarás os outros"⁷.

Que Santa Maria nos ensine a guardar e a ponderar nos nossos corações, como Ela, tudo o que se refere a Jesus, para que caminhemos e ajudemos outros a caminhar, cada um onde Deus o chama, por caminhos de contemplação.

5 de abril de 2017

[Voltar ao índice](#)

⁷ Santo Ambrósio, Epístola 2, 4.

O AMOR NÃO SABE DE REFORMA

*"Vivia nessa altura em Jerusalém um homem chamado Simeão (...).
Impelido pelo Espírito, veio ao Templo " (Lc 2, 25 e 27)*

Foram dois anciãos, Ana e Simeão, que, além dos Anjos e dos Pastores, anunciaram ao mundo o nascimento do Salvador.

S. Josemaria comentou, num dos seus aniversários, que estava "sempre a começar", porque "os anos não dão a sabedoria nem a santidade". Embora o tempo passe, Jesus quer que continuemos a crescer, pois a meta é a identificação com Ele.

Os mais velhos são uma força, um ativo com que a Igreja e a sociedade contam. Com o seu testemunho humano, a memória das suas vidas e a sua longa experiência de relação pessoal com Deus, são como "pedras vivas", alicerces sobre os quais podem construir as novas gerações, a quem por vezes faltam modelos acessíveis.

S. Paulo aconselhava Tito: " os anciãos sejam sóbrios, dignos, prudentes, firmes na fé, na caridade e na paciência" (Tt 2, 2).

Os mais velhos comunicam mais frequentemente com gestos do que com palavras, na sua vida quotidiana, deixando-se cuidar com humildade nas suas limitações e doenças, com um sorriso perante a dor, evitando queixas, agradecendo os serviços e prestando outros, sem esconder que rezam e confiam em Deus. Ver rezar o terço a uma pessoa mais velha que passa o tempo sozinha, é uma imagem que pode ficar para toda a vida no coração de alguém. Eles ensinam-nos que o amor não sabe de reformas.

12 de fevereiro de 2020

[**Voltar ao índice**](#)

PARA O EGITO

"Levanta-te, toma o Menino e Sua Mãe, foge para o Egito e fica lá até que eu te avise, pois Herodes procurará o Menino para o matar"
(Mt 2,13)

É uma grande contrariedade: Deus a ter de fugir porque O querem matar. E S. José organiza tudo para se pôr rapidamente a caminho, de noite, sem esperar sequer que amanheça, e sem saber se seria por semanas, uns meses ou alguns anos.

Podemos imaginar que Nossa Senhora e S. José teriam começado a sua viagem com certa apreensão, mas fá-lo-iam sem protestar, com a alegria íntima de estarem a seguir o querer de Deus e com a segurança de se saberem com Ele.

Peçamos a S. José a prontidão para aquilo que o Senhor nos sugerir, mesmo que às vezes, por momentos, nos possa parecer um contrassenso, ou implique uma contrariedade.

Queremos imitar a Sagrada Família e pôr-nos a caminho para essa nova direção: um novo trabalho, uma nova circunstância, uma nova pessoa para ajudar.

A fé levar-nos-á a pôr-nos a caminho para o Egito daquilo que não esperamos.

29 de dezembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

ESCUITA: SILÊNCIO EM AÇÃO

"Encontraram-No no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas" (Lc 2, 46)

O Verbo fala, mas também se cala e escuta: como um recém-nascido.

Tal como no templo, não são poucos os episódios em que Jesus também se cala e ouve: quando escreve no chão depois das perguntas daqueles que queriam lapidar a mulher pecadora; no monte, quando reza em silêncio com o seu Pai; quando é pregado na Cruz... E também hoje, na Eucaristia, Jesus continua à escuta das nossas palavras.

A oração é uma escola de silêncio, de escuta e de ação. Como a Pedro, Jesus pergunta-nos: "Tu amas-me? (Jo 21, 16).

A condição do diálogo, para além da sua expressão concreta, é amar, respeitar, prestar atenção, pôr-se no lugar do outro. Há diálogo no olhar carinhoso de uma mulher e de um homem cujo amor continua a crescer na velhice. Na carícia de um pai à sua filha doente. Nas lágrimas com que se pede perdão. No escutar quem precisa, ou quando nos corrigem ou nos sugerem alguma coisa que poderíamos melhorar na nossa vida.

Os muros para a escuta costumam ser a soberba, o orgulho, a arrogância de uma autoridade mal entendida e o individualismo que nos tapa os ouvidos às necessidades de um membro da família, de um amigo, do próximo. A superficialidade e a pressa: não prestar atenção, não sintonizar, não se aperceber. É desencorajador não se sentir escutado por quem tinha o dever de o fazer.

Que Deus nos conceda o dom da escuta, de sair do monólogo do egoísmo e entrar num autêntico sentir nos outros, ou seja, participar no que vivem, no que lhes acontece.

20 de fevereiro de 2020

[Voltar ao índice](#)

FILHOS NA IGREJA

"Eu batizei-vos em água, mas Ele há de batizar-vos no Espírito Santo"
(Mc 1, 8)

Da Igreja e na Igreja nascemos para a vida cristã, pelo Batismo. A nossa vida sobrenatural cresce sempre in Ecclesia.

Por isso, o nosso nascer como filhos de Deus é ex Deo, mas também ex Ecclesia. Somos filhos de Deus por sermos filhos da Igreja, e vice-versa: uma coisa pressupõe e traz consigo a outra.

A maternidade da Igreja é, de certa forma, uma expressão ou manifestação da paternidade divina em relação aos seus filhos adotivos.

Esta nossa filiação tem – também por desígnio divino – uma continuação ou manifestação na necessária filiação dos cristãos ao Romano Pontífice, verdadeiro "pai e mestre".

1 de março de 1992

[Voltar ao índice](#)

JUVENTUDE E VOCAÇÃO

"Ouvindo-O falar desta maneira, os dois discípulos seguiram Jesus" (Jo 1, 37)

Para seguir os planos de Deus na nossa própria vida, para seguirmos a nossa vocação pessoal, são precisas não só a luz para ver o caminho, mas também a força para o querer seguir.

Quando Ele nos pede uma coisa, o que está é, na realidade, a oferecer-nos um dom. Não somos nós que Lhe fazemos um favor: é Deus quem ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido.

Importa que jovens e adultos compreendamos que a santidade não só não é um obstáculo aos nossos sonhos, mas é o seu culminar. Desejos, projetos e amores podem fazer parte dos planos de Deus.

A vida cristã não nos leva a identificar-nos com uma ideia, mas sim com uma pessoa: com Jesus Cristo. Para que a fé ilumine os nossos passos, além de nos perguntarmos: 'quem é Jesus Cristo para mim', pensemos: 'quem sou eu para Jesus Cristo?'

Descobriremos assim os dons que o Senhor nos deu, que estão diretamente relacionados com a nossa missão pessoal. E assim deverá amadurecer cada vez mais em nós uma atitude interior de abertura às necessidades dos outros, saberemos pôr-nos ao serviço de todos, e veremos com maior clareza qual é o lugar que Deus nos confiou neste mundo.

Numa sociedade que muitas vezes pensa demasiado no bem-estar, a fé ajuda-nos a levantar o olhar e a descobrir a verdadeira dimensão da nossa própria existência.

Se formos portadores do Evangelho, a nossa passagem por esta terra será fecunda. Sem dúvida que toda a sociedade beneficiará de uma geração de jovens que se interroga, a partir da fé no amor de Deus por nós: qual é a minha missão nesta vida? Que rasto vou deixar atrás de mim?

18 de setembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

DINAMISMO DE SAÍDA

Filipe encontrou Natanael e disse-lhe: "Encontrámos aquele sobre quem escreveram Moisés, na Lei, e os Profetas: Jesus, filho de José de Nazaré" (Jo 1, 45)

Levar a muitas almas a alegria do Evangelho, para que sintam a atração de Jesus Cristo.

Este dinamismo "de saída ", que Deus quer provocar nos crentes, não é uma estratégia, mas é o próprio poder do Espírito Santo, Amor incriado.

"Num cristão, num filho de Deus, amizade e caridade formam uma só coisa: luz divina que dá calor"⁸.

O ideal do amor a Deus leva-nos a cultivar a amizade com muitas pessoas: nós, os cristãos, não fazemos apostolado, somos apóstolos! Assim avança a "Igreja em saída" de que o Papa Francisco fala⁹.

As circunstâncias atuais da evangelização tornam ainda mais necessário, se possível, dar prioridade ao contacto pessoal, a este aspeto relacional que está no centro da maneira de fazer apostolado que S. Josemaria encontrou nos relatos evangélicos.

Neste apostolado pessoal, não esqueçamos a força luminosa do exemplo. É famosa a afirmação de Paulo VI: "O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres, ou então, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas"¹⁰. Peçamos ao Senhor que, na cultura e no mundo contemporâneo, abundem os rostos próximos – amigos – que tornem credível a mensagem de Jesus.

14 de fevereiro de 2017

[Voltar ao índice](#)

⁸ S. Josemaria, Forja, n. 565.

⁹ Francisco, Evangelii Gaudium , n. 20.

¹⁰ S. Paulo VI, Evangelii nuntiandi, n. 41.

A AMIZADE DE MARIA

"Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-Lhe: «Não têm vinho!»" (Jo 2, 3)

Nossa Senhora inspira a nossa generosidade para nos tornar presentes e próximos dos outros, para que ninguém se sinta só.

A Virgem Maria, depois daquele "faça-se em mim segundo a tua palavra" (Lc 1, 38), parte apressadamente para ajudar a sua parente Isabel. O Anjo não lho tinha indicado, tinha-lhe comunicado a gravidez de Isabel como sinal da onnipotência de Deus. Mas Maria apercebe-se de que Isabel vai precisar de ajuda. E sendo Ela já a Mãe de Deus, apresenta-nos assim esta manifestação de verdadeiro amor e amizade, que é adiantar-se na doação, no serviço desinteressado.

Os anos passam, e vemos Nossa Senhora a acompanhar Jesus num casamento em Caná: também aí ela descobre a necessidade dos noivos, antes de qualquer outra pessoa, e toma a iniciativa. O amor de amizade ilumina o olhar, adivinha coisas que talvez passem despercebidas a outros.

Mais tarde, contemplamos Maria junto da Cruz do seu Filho, cheia de fortaleza. E pedimos-lhe que nos ajude a imitá-la nesta capacidade de sermos fortes diante do sofrimento dos outros, para podermos ser ajuda e bálsamo, com uma sincera amizade.

Depois da Ressurreição de Jesus, Nossa Senhora reúne os Apóstolos, que se tinham dispersado na Paixão do Senhor. Acompanha-os e consola-os.

A vida de Maria ensina-nos que, também na nossa, a amizade humana emerge com força nova e sobrenatural a partir da amizade com Deus. S. Lucas diz de Nossa Senhora: "conservava todas estas coisas [as que se referem a Jesus], ponderando-as no seu coração" (Lc 2, 19). Maria reza: a sua conversa com Deus é contemplação e diálogo de amor. É amizade com Deus, confiança em Deus, que reverte em doação aos outros.

15 de maio de 2020

[Voltar ao índice](#)

"DILUIR-SE" EM DEUS

*"Ele é que deve crescer, e eu diminuir"
(Jo 3, 30)*

Há uma forma peculiar de egocentrismo "teologal": contemplar sempre Deus com referência ao eu.

A verdadeira contemplação pressupõe, sim, alguns momentos dessa referência Deus-eu, mas o mais habitual deveria ser (no trabalho, no lidar com os outros, na vida espiritual) "diluir-se" em Deus e, a partir de Deus, pensar, amar, servir os outros.

12 de fevereiro de 1985

[Voltar ao índice](#)

CIDADÃOS DO CÉU

"Quem acredita no Filho tem a vida eterna" (Jo 3, 36)

Nada nesta vida pode diminuir a verdadeira alegria dos filhos de Deus, nem sequer as adversidades externas, obstáculos, dores, incompreensões, injustiças... A filiação divina tem uma dimensão escatológica bem precisa: faz-nos compreender com nova luz que o definitivo virá depois da morte, que o de agora, sendo já uma realidade, ainda não atingiu a sua plenitude, a plenitude da glória dos filhos de Deus.

Tudo nesta vida, também o sofrimento, nos está a dizer que "Cristo nos espera. Vivemos já como cidadãos do céu (cf. Fl 3, 20), sendo plenamente cidadãos da terra, no meio das dificuldades, de injustiças, de incompreensões, mas também no meio da alegria e da serenidade que dá saber-se filho amado de Deus"¹¹.

E quanto à morte? Nem mesmo esse momento decisivo pode assustar o cristão, nem ofuscar a sua alegria luminosa, porque para os filhos de Deus, a morte é a passagem para a plenitude.

2 de maio de 1992

[Voltar ao índice](#)

¹¹ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 126.

DEUS NA MINHA CASA

"Se conhecesses o dom de Deus" (Jo 4, 10)

Deus dá-se a quem livremente O ama. Entra, instala-se, dispõe. O Espírito Santo começa o Seu trabalho de transformação: inteligência, vontade, imaginação, memória, sentidos, paixões e desejos... A alma e o corpo às vezes protestam, mas com a ajuda de Deus, deixam que se faça. Consciente da sua fragilidade, o ser humano experimentou nalgum momento a fé em Deus com especial intensidade, e já não O quer perder.

No processo de conquista da liberdade de amar, descobrimos que onde predominava o desejo veemente de posse individualista, prevalece agora o desejo de doação; onde o olhar procurava a satisfação pessoal, aparecem pessoas a quem amar. O que é duradouro eleva-se e ganha prioridade sobre o fugaz.

A castidade, dom de Deus e resposta humana, concede o autodomínio, guia a imaginação e os desejos, aumenta a liberdade e a percepção da beleza nas pessoas, no nosso interior, nas coisas. Aquele que é dono de si mesmo fica capacitado para se entregar, no celibato, no casamento, onde Deus o chamar.

Nascem então compromissos verdadeiros de amor que merecem uma vida.

Deus é amor e quer que nós o sejamos. Também o corpo e os sentidos, criados por Ele, com toda a sua carga de matéria.

"Felizes os puros de coração, porque verão a Deus" (Mt 5, 8). Não temos de esperar pela outra vida para ver a Deus: Ele vive agora na nossa casa, nós somos o Seu templo (cf. 1 Cor 3, 16).

4 de fevereiro de 2020

[**Voltar ao índice**](#)

UM DEVER ENTRANHÁVEL

*"O meu alimento é fazer a vontade d'Aquele que me enviou e consumir a Sua obra."
(Jo 4, 34)*

Que é o bem, a bondade, o bom? É o que Deus quer. E isto, tanto em geral (a bondade em si mesma), como em concreto (a bondade para mim, o que o Senhor quer para cada pessoa).

A oração não só é boa por ser oração (falar com Deus), mas também porque é quando, onde e como Deus quer que com Ele falemos. A mortificação é mais agradável a Deus quando responde à Sua vontade, pois "a obediência vale mais do que os sacrifícios" (1 Sm 15, 22).

O mesmo acontece com o trabalho. Esta atividade é boa, e portanto eficaz, na medida em que for assim querida por Deus, hoje e agora. Senhor, que queres que eu faça? Esta é uma pergunta habitual de um cristão maduro. Questionar-se sobre a conveniência, a oportunidade, a eficácia de um trabalho ou atividade é interrogar-se sobre o que Deus quer.

É isso a virtude cristã da obediência: amar o que Deus quer e espera de nós. Um querer que se manifesta também através das exigências dos nossos deveres e da nossa situação na Igreja, na família natural ou espiritual, no trabalho, nas nossas relações com os outros.

É evidente que muitas vezes não sabemos, na sua materialidade concreta, o que Deus quer de nós numa determinada situação. Contudo, também então podemos obedecer ao Senhor, porque podemos sempre e em tudo responder ao mandamento do amor: podemos sempre procurar guiar-nos pelo amor a Ele e aos outros. Viver assim, obedecer por amor não é rigidez estéril, mas sim liberdade.

Poderá parecer-nos excessivo este desejo, este propósito de obedecer? Se assim fosse, parecer-nos-ia excessivo identificar-nos com Jesus Cristo, cujo alimento é fazer a Vontade do Seu Pai.

17 de abril de 1977

[Voltar ao índice](#)

LIBERDADE DE ESPÍRITO

*"Irmãos, de facto, foi para a liberdade que vós fostes chamados. Só que não deveis deixar que essa liberdade se torne uma ocasião para os vossos apetites carnis. Pelo contrário: pelo amor, fazei-vos servos uns dos outros."
(Gl 5, 13)*

Agir livremente, sem sofrer coação de nenhum tipo, é próprio da dignidade humana e, mais ainda, da dignidade das filhas e dos filhos de Deus.

Em tudo podemos atuar livremente, se o fazemos por amor: é o famoso "Ama e faz o que quiseres" de Santo Agostinho¹². A liberdade de espírito é esta capacidade e atitude habitual de atuar por amor, especialmente no empenho por seguirmos o que Deus nos pede, em cada circunstância. Sem medo de nos enganarmos, sem medo de não estarmos à altura, sem medo de um ambiente adverso: com visão sobrenatural e com o desejo de envolver-nos no próprio ambiente social e profissional.

A liberdade de espírito não é "um pretexto para a carne" (cf. Gl 5,13), nem age conforme os próprios caprichos ou resistindo a qualquer norma, porque a liberdade de todos os seres humanos está materialmente limitada por deveres naturais e compromissos adquiridos (familiares, profissionais, cívicos, etc.). Trata-se antes de "robustecer o amor por uma liberdade não arbitrária, mas tornada verdadeiramente humana pelo reconhecimento do bem que a precede"¹³: uma liberdade reconciliada com Deus.

Crescer no amor é crescer em liberdade de espírito, é ser mais livre. Com palavras de S. Tomás de Aquino: "Quanto mais intensa é a nossa caridade, mais livres somos"¹⁴.

9 de janeiro de 2018

[Voltar ao índice](#)

¹² Santo Agostinho, Sobre a Carta de S. João aos Partos, VII, 8.

¹³ Bento XVI, Caritas in Veritate, n. 68.

¹⁴ S. Tomás de Aquino, Comentário às Sentenças, III, d.29, a.8, q1a.3.

SINAIS DA SEDE

*"Jesus encontrava-se junto do lago de Genesaré, e a multidão comprimia-se à volta d'Ele para escutar a palavra de Deus"
(Lc 5, 1)*

As pessoas querem juntar-se à volta de Jesus, porque procuram sempre coisas boas e belas que encham os seus corações. Todos nós temos, no mais profundo da nossa alma, aspirações que só Ele é capaz de saciar.

Há tantos testemunhos de pessoas que, ao descobrirem a alegria própria da vida cristã, exclamam: Mas eu não sabia! Ninguém mo tinha dito! Pensava que era outra coisa!

Senhor, faz-nos capazes de reconhecer essa nostalgia do Teu rosto, esses sinais da sede de Ti nos outros. Que saibamos como transmitir a Tua verdadeira imagem aos que nos rodeiam.

A imagem desse Cristo que procura afastar-se um pouco da margem para que todos, mesmo os mais afastados, O possam ver e ouvir.

26 de junho de 2019

[Voltar ao índice](#)

AO ENCONTRO DOS NOSSOS CONTEMPORÂNEOS

*Jesus disse a Simão: "Faz-te ao largo"
(Lc 5, 4)*

Perante os desafios deste nosso mundo, tão complexos como apaixonantes, que espera hoje o Senhor de nós, os cristãos? Que saíamos ao encontro das inquietações e necessidades das pessoas, para levar a todos o Evangelho, na sua pureza original e, ao mesmo tempo, na sua radiosa novidade.

Duas cenas de pesca no Mar de Tiberíades, nas quais vislumbramos a navegação dos cristãos ao longo da História, traçam as coordenadas dessa tarefa: o convite enérgico do Mestre a sermos audazes – "Faz-te ao largo" (Lc 5, 4) – e a exclamação do discípulo amado "é o Senhor" (Jo 21,7), reflexo da fidelidade atenta e delicada que permite reconhecer Jesus.

Lançar-se no mar do mundo não significa adaptar a mensagem ou o espírito às conjunturas do momento, porque o Evangelho já contém em si mesmo a capacidade de iluminar todas as situações.

É antes um apelo a que cada um de nós, com os seus recursos espirituais e intelectuais, com as suas competências profissionais ou a sua experiência de vida, e também com as suas limitações e defeitos, se esforce por descobrir os modos de colaborar mais e melhor na imensa tarefa de pôr Cristo no cume de todas as atividades humanas.

Para isto, é preciso conhecer em profundidade o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam, os limites e as injustiças, muitas vezes graves, que o oprimem. E, acima de tudo, é necessária a nossa união pessoal com Jesus Cristo, na oração e nos sacramentos. Desta forma, poderemos estar abertos à ação do Espírito Santo, para, com caridade, bater à porta dos corações dos nossos contemporâneos.

7 de julho de 2017

[Voltar ao índice](#)

BARCA VELHA E BARCA NOVA

*"Lançai as vossas redes para a pesca"
(Lc 5, 4)*

Jesus vem ao nosso encontro, como foi ao encontro dos primeiros discípulos junto ao lago de Genesaré. Ele entra nas nossas vidas da mesma forma que entrou na barca de Pedro.

E o mesmo barco, que tinha testemunhado um fracasso profissional – uma pesca em que nada conseguiram pescar –, torna-se a cátedra do Mestre, o lugar onde lhes revela os mistérios do reino de Deus. Mais ainda: nesse mesmo barco começa uma aventura sobrenatural, prefigurada pela pesca milagrosa.

A presença de Cristo transforma o nosso trabalho, a nossa velha barca, em lugar da ação de Deus. O Senhor pede-nos que sejamos instrumentos nas Suas mãos, para trazer alegria e felicidade a este mundo que tanto delas precisam. E isto pode fazer-se com gestos simples mas cheios de caridade.

Ele dirige-nos o mesmo convite que fez a Pedro: " Faz-te ao largo" (Lc 5,4). As redes, desta vez, lançam-se naquele trabalho, impregnado pela graça divina, para que se torne um lugar de testemunho cristão, de ajuda sincera aos nossos colegas e a todas as pessoas com quem lidamos.

Neste sentido, podemos recordar o convite do Papa Francisco: "Quando os esforços para despertar a fé entre os vossos amigos parecem inúteis, como a fadiga noturna dos pescadores, recordai-vos de que com Jesus tudo muda. A Palavra do Senhor encheu as redes, e a Palavra do Senhor torna eficaz o trabalho missionário dos discípulos"¹⁵.

26 de junho de 2017

[Voltar ao índice](#)

¹⁵ Francisco, Discurso, 22-9-2013.

JUVENTUDE DE ESPÍRITO: OLHAR PARA A FRENTE

"Nada apanhámos. Mas, porque Tu o dizes, lançarei as redes" (Lc 5,5)

Podemos dizer a Jesus na oração: "Há anos que me esforço para melhorar, e bem vêes, Senhor, como estou. Mas agora, confiando na Tua palavra, vou lançar-me mar adentro, a essa santidade, que não é ausência de defeitos, mas perfeição no amor, na identificação Contigo. À Tua palavra, dizemos-Lhe com S. Pedro, lançarei as redes".

S. Josemaria repetia que, em 1928, tinha apenas 26 anos, a graça de Deus e bom humor. Foi a juventude de espírito que sempre o levou a manter o desejo de aprender e de crescer, e que nos deve levar ao desejo de começar e recomeçar. Não deixemos portanto, entrar nas nossas almas o desânimo, mas sim o desejo de olhar em frente. Dá-nos, Senhor, esta juventude de alma.

Graça de Deus! Participação na vida divina da Santíssima Trindade, como filhos e filhas de Deus Pai, em Cristo e pelo Espírito Santo. O Senhor oferece-nos constantemente essa vida, sobretudo na Eucaristia, na penitência e na oração. Quanto aprendemos com esta Sua oferta! Quantas vezes S. Josemaria nos exortava, com a sua palavra e o seu exemplo, a sermos almas de Eucaristia, almas de oração!

Bom humor! Que nos leva a ver o lado positivo, até mesmo divertido, das coisas. Também precisamos de bom humor perante as nossas próprias limitações: é uma consequência da alegria dos filhos de Deus. Seremos felizes, aconteça o que acontecer, segundo a medida da nossa fé no amor que Deus tem por nós.

6 de outubro de 2017

[Voltar ao índice](#)

DISCERNIMENTO NO AMOR

"Jesus disse a Simão: 'Não tenhas receio, de futuro, serás pescador de homens'" (Lc 5,10)

Com estas palavras, Cristo muda a vida de Simão e, a partir daí, o pescador da Galileia sabe para que vive. Como ele, cada pessoa enfrenta, mais cedo ou mais tarde, esta questão: qual é a minha missão nesta vida? Todos temos uma vocação divina, todos somos chamados por Deus à união com Ele.

A fé é uma luz poderosa, capaz de iluminar o futuro pessoal e de inspirar os desejos de plenitude. Numa altura da vida em que talvez as seguranças da infância vacilem e a luz da fé possa também ficar debilitada, é necessário recordar a nossa verdade mais profunda: que somos filhos de Deus e fomos criados por Amor.

Ele faz o chamamento mais radical: chama-nos, a cada uma e a cada um, para sermos plenamente felizes ao Seu lado. O Criador não nos lança à vida e nos esquece: Aquele que cria, ama e chama. Por esta razão, o discernimento do nosso caminho deve estar iluminado pela fé no amor de Deus por nós.

"Não tenhas medo", diz Jesus a Pedro. A busca pessoal pode gerar um certo desassossego, porque experimentamos a vertigem da liberdade. Serei feliz? Terei forças? Valerá a pena comprometer-me? Também aqui, Deus não nos deixa sozinhos. Vai inspirar-nos, se O soubermos ouvir. Pedimos-Lhe isto sempre que rezamos: "Seja feita a Vossa Vontade, assim na terra como no céu": faça-se a Vossa vontade em mim, em ti, em cada um de nós.

18 de setembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

CASA, TAREFA, PÁTRIA

*"E, depois de terem reconduzido os barcos para terra, deixaram tudo e seguiram Jesus"
(Lc 5, 11)*

Jesus convida Pedro, Tiago e João a segui-Lo como Seus discípulos. Eles respondem com um "sim" decidido.

É impressionante pensar que, passados apenas alguns anos, a sua dedicação apostólica tenha levado a Boa Nova a tantos lugares importantes da época, também a Roma.

Os primeiros cristãos, apesar de enfrentarem perseguições e incompreensões, sabiam que o mundo lhes pertencia, que era para eles casa, tarefa, pátria.

Sabendo que somos filhos de Deus, convocados por Ele, não nos podemos sentir estranhos na nossa própria casa; não podemos passar por esta vida como visitantes num lugar estranho, nem podemos caminhar pelas nossas ruas com o medo de quem pisa território desconhecido.

O mundo é nosso porque é do nosso Pai Deus.

Estamos chamados a amar este mundo, não outro em que imaginamos que nos sentiríamos talvez mais satisfeitos. É preciso amar as pessoas concretas à nossa volta, nos desafios concretos que se nos deparam.

26 de junho de 2019

[Voltar ao índice](#)

FELIZES

*"Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu"
(Mt 5, 12)*

Nas bem-aventuranças (cf. Mt 5, 1-12; Lc 6, 20-26), Cristo oferece-nos as chaves que nos abrem as portas do Céu... e da felicidade nesta terra.

O "pobre em espírito" reconhece-se necessitado. Desconfia das suas virtudes e dos seus bens, abandona-se nos dons do Senhor. Pela via da humildade, experimenta a alegria do abraço paternal de Deus.

As lágrimas daquele que "chora" são dor principalmente pelas ofensas ao Senhor: faltas de amor, infidelidades, injustiças. Quem chora desta forma alcança a felicidade de ter consolo.

Os "mansos" são felizes na terra: nenhuma adversidade, nenhum contratempo humano, os abate. Imitando Cristo, mantêm a serenidade de espírito.

Aquele que "tem fome e sede de justiça" procura pôr em prática a vontade de Deus. E assim fazendo, alcança uma saciedade que não sacia, porque é divina.

Os "misericordiosos" veem as mágoas e os defeitos dos outros com os olhos de Cristo, metem-nos no seu coração. Também compreendem e desculpam. Com a sua misericórdia, alcançarão para si próprios a alegria da misericórdia.

Os "puros de coração" descobrem panoramas surpreendentes de intimidade com Deus e qualidade nas relações com os outros. E gozam da Sua visão.

Os "pacíficos" recebem a bênção da paz, a paz de Cristo (Ef 2, 14), para si mesmos, e semeiam à sua volta a alegria dos filhos de Deus. Procuram evitar as discussões inúteis, dominar o nervosismo e a pressa, ser positivos, difundir otimismo e esperança.

Aqueles que "sofrem perseguição" e "são perseguidos" por amor a Deus e por fazerem a Sua vontade já têm a sua recompensa no Céu, que é também alegria na terra.

As Bem-Aventuranças "conduzem-nos à alegria, sempre: são o caminho para alcançarmos a alegria"¹⁶.

29 de fevereiro de 2020

[Voltar ao índice](#)

¹⁶ Francisco, Audiência Geral, 29-1-2020.

A ATUAÇÃO DOS FILHOS DE DEUS

"Rezai, pois, assim: Pai nosso, que estás nos céus" (Mt 6, 9)

Pela graça sobrenatural, somos filhos de Deus, em Jesus Cristo.

Chegamos a ser "uma imagem idêntica à do Filho, de tal modo que Ele é o primogênito de muitos irmãos" (Rm 8, 29).

A filiação divina caracteriza radicalmente o nosso diálogo com Deus – a nossa oração – e o exercício de todas as virtudes no nosso caminhar cristão, e irá também caracterizar, pela misericórdia de Deus, a nossa condição de cidadãos do Céu.

Repetimos: a nossa fé é a fé dos filhos de Deus; a nossa oração é a oração dos filhos de Deus; a nossa alegria é a alegria dos filhos de Deus; a nossa fortaleza é a fortaleza dos filhos de Deus...

A Vontade divina pode resumir-se assim, para cada um de nós: "O que o Senhor vos pede é que a todo o momento atueis como filhos e servidores Seus"¹⁷.

20 de abril de 1992

[Voltar ao índice](#)

¹⁷ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 60.

O SEGREDO DA JUVENTUDE

"Pois onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração" (Mt 6, 21)

Um coração jovem e apaixonado é capaz de renovar-se e viver com entusiasmo a vocação cristã, a missão apostólica, mesmo no meio das contrariedades e dos sofrimentos.

S. Josemaria contava-nos assim o segredo da sua vitalidade: "quando rezo junto do altar, ao Deus que enche de alegria a minha juventude (Sl 43, 4), sinto-me muito jovem e sei que nunca me hei de considerar velho, porque se permanecer fiel ao meu Deus, o Amor vivificar-me-á continuamente: a minha juventude renovar-se-á como a da água (cf. Sl 103, 5)¹⁸. Se permanecermos unidos ao Senhor, seremos sempre jovens, e colaboraremos com Ele para edificar a Igreja, sempre antiga e sempre nova, nos diversos lugares, culturas e tempos.

1 de outubro de 2018

[Voltar ao índice](#)

¹⁸ S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 31.

HORIZONTES

*"O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o que é bom; e o mau, do mau tesouro tira o que é mau, pois a boca fala da abundância do coração."
(Lc 6, 45)*

S. Josemaria salientava este modo concreto de anunciar o Evangelho no meio do mundo: "É preciso aproximar as almas de Deus com a palavra adequada, que desperta horizontes de apostolado; com o conselho discreto, que ajuda a abordar um problema de forma cristã; com a conversa amável, que ensina a viver a caridade: através de um apostolado a que chamei alguma vez de amizade e de confiança"¹⁹.

A amizade verdadeira – tal como a caridade, que eleva sobrenaturalmente a sua dimensão humana – é um valor em si mesma: não é meio nem instrumento para conseguir vantagens na vida social, mesmo que as possa ter (como pode também trazer desvantagens). A amizade tem um valor intrínseco, porque denota uma preocupação sincera com a outra pessoa. É um diálogo, em que damos e recebemos luz; em que surgem projetos, numa abertura mútua de horizontes; em que nos alegamos pelo que é bom e nos apoiamos no que é difícil; em que nos divertimos, porque Deus nos quer alegres.

Quando uma amizade é assim, leal e sincera, não há lugar para a instrumentalizar: um amigo quer simplesmente transmitir ao outro o bem que experimenta na sua vida. Habitualmente, fazemo-lo sem nos apercebermos, com o exemplo, a alegria e um desejo de servir que se exprime em mil pequenos gestos. Contudo, "o valor do testemunho não significa que se deve manter em silêncio a Palavra. Por que é que não havemos de falar de Jesus, contar aos outros que Ele nos dá a força de viver, que é bom conversar com Ele, que nos faz bem meditar as Suas palavras?"²⁰.

A amizade abre-se assim, naturalmente, na confiança pessoal, cheia de delicadeza e de respeito à liberdade, consequência,

precisamente, da autenticidade dessa amizade.

1 de novembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

¹⁹ S. Josemaria, Carta 24-III-1930, n. 11.

²⁰ Francisco, Christus vivit (Cristo vive), Roma, 25-3-2019, n. 176.

COMPAIXÃO: EMPATIA NO SOFRIMENTO

“E [o Senhor] disse-lhe: Não chores” (Lc 7, 13)

A amizade significa alegria, mas também sofrimento: doença, mortes, desilusões, crises de vida, conflitos familiares... Como dizia S. Paulo VI, “não raro a arte de amar se transforma na arte de sofrer”²¹. É a outra face da moeda da amizade, e acompanhar, nesses momentos, é a prova da sua autenticidade.

A compaixão aumenta ao ritmo do amor a Deus, que nos reveste dos Seus sentimentos e clarifica o nosso olhar. É espantoso ver Cristo comover-se ao encontrar o cortejo fúnebre do filho da viúva de Naim: "Vendo-a, o Senhor compadeceu-se dela e disse-lhe: 'Não chores'" (Lc 7, 13).

Como o amor, a compaixão é criativa e exprime o desejo de "se apropriar" do sofrimento do amigo para o tornar mais leve: palavras, silêncios, escuta, gestos, presença, lembrança, oferecer uma oração, um serviço... Ao mesmo tempo, estende-se a todas as pessoas. Jesus, na Cruz, compadeceu-Se e ofereceu-Se em sacrifício por toda a humanidade, transpondo o tempo e o espaço.

Chega uma altura em que gostaríamos de consolar os sofrimentos de todas as pessoas do mundo. Experimentamos então o paradoxo, dentro de nós, de um Amor gratuito, que nos abriu o olhar para as necessidades dos outros e para a impotência de não sermos capazes de resolver tudo. Compreendemos então que só Jesus é o "Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6), não nós.

4 de fevereiro de 2020

[Voltar ao índice](#)

²¹ S. Paulo VI, Alocução na Abertura da quarta etapa conciliar, Roma, AAS, 57, 1965, 794-805.

ABERTURA

"Os fariseus, vendo isto, diziam aos discípulos: Porque é que o vosso Mestre come com os cobradores de impostos e os pecadores"? (Mt 9,11)

Os fariseus criticaram Jesus Cristo por ser amigo de publicanos e pecadores. A amizade de Cristo não exclui ninguém.

Nós, os cristãos, se procurarmos, dentro da nossa pequenez, imitar o Senhor, também não devemos excluir ninguém, mas sim amar a todos em Jesus Cristo, com uma amizade sincera, quaisquer que sejam as suas circunstâncias pessoais.

Contemplemos o exemplo de Jesus. O Senhor não limita o Seu trato pessoal a um grupo reduzido: está com todos, "com as santas mulheres, com grandes multidões; com representantes das classes altas de Israel, como Nicodemos, e com publicanos como Zaqueu; com pessoas consideradas religiosas, e com pecadores como a samaritana; com os doentes e com gente saudável; com os pobres, a quem amava de todo o coração; com doutores da lei e com pagãos, cuja fé louva por cima da de Israel; com idosos e com crianças. A ninguém nega Jesus a Sua palavra, e é uma palavra que cura, que consola, que ilumina. Quantas vezes meditei e fiz meditar sobre esse caminho do apostolado de Cristo, humano e divino ao mesmo tempo, baseado na amizade e na confiança!"²².

1 de novembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

²² S. Josemaria, Carta 24-X-1965, n. 10.

COMPREENSÃO

"Amigo de cobradores de impostos e pecadores!" (Mt 11, 19)

A amizade é especialmente valiosa para exercitar aquela necessária manifestação de caridade que é a compreensão: "A verdadeira amizade inclui também um esforço cordial por compreendermos as convicções dos nossos amigos, mesmo que não cheguemos a partilhá-las, nem a aceitá-las."²³.

Dessa forma, os nossos amigos ajudam-nos a compreender maneiras de ver a vida que são diferentes da nossa, enriquecem o nosso mundo interior e, quando a amizade é profunda, permitem-nos experimentar as coisas de uma forma diferente da nossa. Em suma, trata-se de um autêntico sentir nos outros, ou seja, participar no que estão a viver, no que lhes acontece.

1 de novembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

²³ S. Josemaria, Sulco, n. 746.

DESproporção

"Depois, disse à mulher: 'Os teus pecados estão perdoados'" (Lc 7, 48)

Que enorme desproporção entre os pecados, por mais numerosos e graves que sejam, e a simplicidade de uma breve confissão! Umas palavras, e a absolvição, para que os pecados deixem de existir.

Mas essa desproporção é aparente, porque por trás de algo tão simples (as poucas e essenciais palavras da confissão e da absolvição) está, tornando-o eficaz, nada menos que a Encarnação, a Vida, a Paixão, a Morte e Ressurreição de Jesus Cristo.

Que grande és, Senhor, e como é imensa a Tua sabedoria e a Tua misericórdia para conosco!

25 de fevereiro de 1997

[Voltar ao índice](#)

BOA TERRA

"Outras sementes caíram em terra boa e deram fruto: umas, cem; outras, sessenta; e outras, trinta" (Mt 13, 8)

No início de um novo ano, S. Josemaria costumava dizer: "Ano novo, luta nova!" Uma luta que precisa, sim, dos nossos esforços, mas acima de tudo, da graça divina. Vejamos a parábola do semeador, com o desejo de sermos "boa terra" para recebermos o dom de Deus, a semente que dê frutos abundantes. Jesus oferece-nos este dom em cada dia, na Eucaristia.

Na sinagoga de Cafarnaum, o Senhor diz: "Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6,53). Atualizemos, com maior profundidade e agradecimento, a nossa fé no amor de Deus por nós (cf. 1 Jo 4, 16), que, na Eucaristia, se torna sacramentalmente visível para nós. E assim, poderemos orientar adequadamente a nossa luta para sermos a "boa terra" que acolhe a semente.

Fixemos o olhar em Jesus Cristo, que – apesar de sermos tão pequenos – nos quer encher de renovada eficácia e alegria.

5 de janeiro de 2020

[Voltar ao índice](#)

PRIMAZIA DE DEUS

"O Reino de Deus é como um homem que lançou a semente à terra. Quer esteja a dormir, quer se levante, de noite e de dia, a semente germina e cresce, sem ele saber como. A terra produz por si, primeiro o caule, depois a espiga e, finalmente, o trigo maduro na espiga"
(Mc 4, 26-28)

As palavras do Evangelho levam-nos a considerar a primazia de Deus em toda a obra de evangelização. Assim no-lo fazia considerar S. Josemaria ao referir-se ao Opus Dei. Ele fez o que podia da sua parte para o levar para a frente, seguro de que toda a força que o impelia a servir as almas vinha de Deus: "Agradeço-te, Senhor, que tenhas feito que eu compreenda, de maneira evidente, que tudo é Teu: as flores e os frutos, a árvore e as folhas, e essa água clara que salta até à vida eterna. Gratias tibi, Deus"²⁴. A primazia da graça de Deus é igualmente real em toda a vida cristã, na vida de cada uma e de cada um.

Além de considerarmos o dom de Deus, renovemos a nossa gratidão porque Ele quis contar connosco, para nos tornar Seus colaboradores na Igreja (cf. 2Cor 6, 1), apesar da nossa debilidade.

Às vezes, pode parecer que o nosso papel nos planos de Deus é irrelevante, mas Ele leva a sério a nossa liberdade, e conta verdadeiramente connosco. Pensemos naquele rapaz que soube colocar o pouco que tinha – cinco pães e dois peixes – nas mãos de Jesus: a partir deste gesto de generosidade, Cristo alimentou uma multidão (cf. Jo 6, 1-13).

Deus conta com a nossa correspondência diária, feita de pequenas coisas que se tornam grandes pela força da Sua graça.

1 de outubro de 2018

[Voltar ao índice](#)

²⁴ S. Josemaria, En diálogo con el Señor, Madrid: Rialp, 2021, p.308.

ABANDONO EM DEUS

"Quanto a vós, até os cabelos da vossa cabeça estão todos contados" (Mt 10, 30)

O abandono em Deus não é possível se o próprio Deus não o conceder. Ele quer concedê-lo, mas encontra obstáculos no nosso eu.

Perante qualquer situação de agitação, façamos atos de abandono, como esta oração de S. Josemaria: "Senhor, meu Deus, nas Tuas mãos abandono o passado, o presente e o futuro; o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno".

Não estranhemos o sofrimento interior, quando Deus arrancar do fundo da alma as raízes da falsa autosssegurança. Digamos então: graças a Ti, Senhor!

Façamos o esforço de pensar nos outros, descentrando a nossa atenção de nós mesmos e das nossas preocupações.

Quero ver o Teu rosto, Senhor (cf. Sl 27, 8).

20 de abril de 1991

[Voltar ao índice](#)

VER

"Jesus viu uma grande multidão e teve compaixão deles" (Mc 6, 34)

O olhar de Cristo é penetrante, profundo, compassivo. Como jaculatória, S. Josemaria suplicava: "Que eu veja com os Teus olhos, Cristo meu, Jesus da minha alma".

Senhor – podemos repetir nós –, preciso de ver com os Teus olhos: de ver assim, como Tu o vês, o mundo, cada pessoa, cada circunstância, a minha própria vida...

Que eu veja com os Teus olhos, Jesus, para ver o que há em mim que precisa de ser arrancado, acrescentado, melhorado, à luz da minha filiação divina.

Que eu veja com os Teus olhos, para descobrir como ajudar aqueles que puseste a meu lado, para que sejamos guardiães uns dos outros. Para amparar cada um dos meus irmãos e irmãs.

Que eu veja, através do Teu olhar, como melhorar o trabalho e cada assunto particular que tenho de enfrentar.

Que possamos repetir, com um sentido renovado, o clamor do cego Bartimeu: "Senhor, que eu veja!" Domine, ut videam! (Mc 10, 51). E que o tornemos extensivo aos outros: Senhor, que vejamos, que vejam!, Domine, ut videamus! Ut videant!

12 de dezembro de 1994

[Voltar ao índice](#)

ALEGRIA SEM MEDO

*"Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!"
(Mt 14, 27)*

"Só o amor que é onnipotente pode ser o fundamento de uma alegria sem medo"²⁵.

Quando a alegria é "demasiado humana", tem sempre algum receio misturado, pelo menos o receio de que essa alegria passe.

Pode acontecer – e de facto acontece, às vezes – que até a alegria sobrenatural do encontro com Cristo seja acompanhada pelo temor: por um certo medo da própria pequenez, receio de nos esquecermos do fundamento da alegria... que não é outro senão o amor que Deus nos tem.

Propósito: "sobrenaturalizar" todas as alegrias, e especialmente a alegria habitual que expulsa todo o temor. E recuperar assim a alegria dos filhos de Deus, que é confiança total n'Ele, sem medos.

26 de janeiro de 1988

[Voltar ao índice](#)

²⁵ Joseph Ratzinger, *Buscar lo de arriba*, 1985 (reproduzido em *El resplandor de Dios en nuestro tiempo*, Barcelona: Herder 2012).

ALIMENTO

"Trabalhai, não pelo alimento que desaparece, mas pelo alimento que perdura e dá a vida eterna" (Jo 6, 27)

Jesus está escondido na Eucaristia. "Adoro-te com amor, Deus escondido, que sob estas espécies estás verdadeiramente presente ", canta o hino Adoro te devote.

Mas na realidade, a Eucaristia – a "veste" com que Cristo se nos apresenta, as espécies sacramentais – manifesta-nos o que Ele quer ser para cada um, para cada uma: alimento.

Alimento em que se "condensa" a História.

Numa oração antiga, que a Igreja usa para as vésperas da Solenidade de Corpo de Deus, diz-se, em referência à Eucaristia: *recolitur memoria passionis Eius*, "memorial da Paixão de Cristo" (passado), *mens impletur gratia*, "a alma se enche de graça" (presente), *et futurae gloriae nobis pignus datur*, "e nos é dado o penhor da futura glória " (futuro escatológico).

Vamos à Eucaristia com o desejo de nos identificarmos com Jesus (o próprio Cristo) e de "condensar" aí todos os momentos de cada dia. E também nós nos tornaremos alimento, ajuda e apoio para os outros.

11 de março de 2004

[Voltar ao índice](#)

DEBAIXO DO MESMO TETO

*"Não é Ele Jesus, o filho de José, de quem nós conhecemos o pai e a mãe?
(Jo 6, 42)*

Na simplicidade e grandeza de S. José, um artesão como tantos outros, descobrimos os traços dos que se sabem chamados por Deus a viver com Ele a vida de cada dia, com tudo o que ela traz consigo, também de imprevistos e de preocupações.

S. José vivia sob o mesmo teto que Deus. Talvez pensemos que nisto ele não parece ser "um artesão como tantos outros". Contudo, nós rezamos: "Senhor, eu não sou digno de que entreis em minha morada". E se O deixarmos, Ele entra. E basta-Lhe uma palavra para nos salvar (cf. Mt 8, 8).

Hoje especialmente, com toda a Igreja, contemplamos José, este homem justo e fiel. Recorramos à sua intercessão, para que nos ajude a corresponder em cada dia ao amor imenso de Jesus Cristo, abrindo-Lhe de par em par as portas da nossa casa, do nosso coração. E que esta correspondência nos impulse a servir os outros, a difundir a alegria do Evangelho.

19 de março de 2018

[Voltar ao índice](#)

TRABALHAR EM CAUSA PRÓPRIA

"Tudo é vosso, mas vós sois de Cristo, e Cristo é de Deus" (1 Cor 3, 22)

Se contemplarmos a nossa vida com os olhos da fé, perceberemos que não há nada alheio ao querer de Deus: também o nosso trabalho é lugar principal de santificação, onde podemos procurar Cristo e encontrar Cristo. Santificar o trabalho, santificar-se com o trabalho, santificar os outros com o trabalho, diz o fundador do Opus Dei²⁶.

Se procurarmos identificar-nos com Cristo enquanto realizamos a nossa atividade, seja ela qual for, estaremos a trabalhar em causa própria, essa nossa atividade será trabalho de Deus, e nós somos Seus filhos.

Trabalhar bem não é apenas tentar fazer bem as coisas, mas fazer que todas as dimensões desse trabalho estejam bem: o que fazemos, as relações com os outros ao trabalhar (sorrir em momentos de cansaço, substituir um colega que precisa, ajudar quem talvez esteja atrasado num prazo...) e a relação com Deus no trabalho.

A nível humano, trabalhar bem pode consistir em não se contentar com "fazer o que tem de ser feito", mas em ter iniciativa, em impulsionar o que é mais necessário para os outros, em dar seguimento aos assuntos importantes, etc.

A nível sobrenatural, quanto nos pode ajudar unirmos explicitamente trabalho e Eucaristia! No mistério do altar, o trigo e as uvas simbolizam o mundo, a terra: oferecemos também o nosso trabalho, para o unir ao Sacrifício de Cristo.

E então, trabalhando assim, estamos a cooperar para "santificar os outros com o nosso trabalho".

13 de maio de 1989

[Voltar ao índice](#)

²⁶ Cf. S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 45.

COLABORADORES

"Sede firmes, inabaláveis, e progredi sempre na obra do Senhor, sabendo que o vosso trabalho não é inútil no Senhor" (1 Cor 15, 58)

Todas as realidades humanas honestas, todos os trabalhos podem e devem ser caminho, meio de santidade, de encontro com Jesus Cristo: "O trabalho nasce do amor, manifesta o amor, ordena-se ao amor"²⁷. Santificar o trabalho, qualquer trabalho honesto, é fazê-lo por Deus e pelos outros, o que exige fazê-lo bem, qualquer que seja.

Perante o trabalho, perante cada tarefa que "me cai em cima", agradável ou árdua, claramente eficaz ou aparentemente inútil..., pensemos que todo o trabalho nasce do amor de Deus por nós.

Agradeçamos ao Senhor que, com esta tarefa, hoje e agora, quer que sejamos Seus colaboradores, pelo menos porque com ela mostramos um pouco do Seu amor aos outros. Teremos a convicção de que, no Senhor, nenhum trabalho é em vão.

9 de março de 2006

[Voltar ao índice](#)

²⁷ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 48.

CENTRO E RAIZ

*"Quem realmente come a Minha carne e bebe o Meu sangue fica a morar em Mim e Eu nele"
(Jo 6, 56)*

O desejo de permanecer em Cristo manifesta-se de uma forma particular no amor pela Missa, "centro e raiz da vida espiritual"²⁸.

A Missa é raiz, é-o necessariamente. No sacrifício eucarístico, a obra da nossa Redenção torna-se presente. Aí está a fonte da graça, da paz, da misericórdia, da eficácia. Um caminho espiritual enraizado na Eucaristia condensa os bens mais valiosos para uma progressiva identificação com Jesus Cristo.

A Missa é centro: deveria sê-lo não só objetiva mas também subjetivamente, com uma consciência habitual e atualizada de que o mais importante, em cada instante, é que celebrei ou vou celebrar a Missa, que assisti ou vou assistir à Missa.

Esta permanente referência à Missa é um dom de Deus, antes do esforço humano, que nos chegará através da mediação materna de Santa Maria.

7 de maio de 1985

[Voltar ao índice](#)

²⁸ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 87.

A MURMURAÇÃO BANALIZADA

*"O que sai da boca provém do coração"
(Mt 15, 18)*

O bom nome dos outros, a sua reputação é um bem precioso, protegido pela caridade e pela justiça.

A "vulgarização" e extensão da murmuração na esfera privada e pública fomentam um clima de suspeita e de insegurança nas relações pessoais, familiares e sociais, que as deteriora gravemente.

Algumas vezes existe a consciência do prejuízo, noutras muitas, predominam a vaidade, o pretexto da "boa intenção" e, em geral, a espontaneidade de quem já se habituou à banalização da calúnia.

A língua deve ser transformada, purificada. A língua toca a música que soa no coração.

Mais do que deter-nos na forma como falamos, podemos perguntar-nos: que me vai no coração? Julgo os outros interiormente? Que procuro e espero dos meus semelhantes? Que esperam eles de mim? Procuro olhar para os outros como gostaria que olhassem para mim? Vejo-os como criaturas e filhos de Deus?

20 de março de 2015

[Voltar ao índice](#)

COM A TUA AJUDA

"Ela veio prostrar-se diante d'Ele, dizendo: «Socorre-me, Senhor!" (Mt 15, 25)

Quando, perante uma pequena exigência de entrega, de mortificação, de serviço..., pensamos "tanto faz", temos de saber que para o Senhor não é indiferente, e que não é indiferente para nós, nem para os outros.

Ao mesmo tempo, a experiência diz-nos que, com o passar dos anos, os bons desejos, as decisões, as "grandes ideias", esbarram com a debilidade pessoal. Esta debilidade é da vontade, que nos leva a não querer realmente.

Por isso, peçamos ao Senhor, por um lado, a graça de não ficarmos indiferentes ao que Ele nos pede, ao que os outros precisam. E, ao mesmo tempo, perante a luz clara, perante a firme resolução de responder afirmativamente... Senhor, com a Tua graça! Minha Mãe, com a tua ajuda!

Então, esses propósitos, repetidos uma e outra vez, serão novos, pela convicção da necessidade da ajuda do céu, e não serão reiteração, mas sim renovação. Outra vez novos: nunc coepi, agora começo! Senhor, que a novidade seja o amor.

30 de janeiro de 1986

[Voltar ao índice](#)

UMA PROMESSA DE JESUS

"Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do abismo nada poderão contra ela" (Mt 16, 18)

Esta é a promessa de Jesus, que ouvimos, em cada ano, no Evangelho da Missa para a Solenidade de S. Pedro e de S. Paulo. Estas palavras recordam-me o itinerário espiritual que S. Josemaria propôs desde muito cedo: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam*, todos com Pedro, a Jesus, por Maria.

Amemos cada vez mais a Igreja e o Papa. Pode ser uma ajuda recordarmos que a Igreja não é apenas o conjunto de homens e de mulheres que a ela se uniram, mas é, acima de tudo, "Cristo presente entre nós, Deus que vem até à humanidade para a salvar, chamando-nos com a Sua revelação, santificando-nos com a Sua graça, sustentando-nos com a Sua ajuda constante, nos pequenos e nos grandes combates da vida de todos os dias"²⁹.

Desde os tempos apostólicos, a Igreja tem sofrido e continua a sofrer perseguições e também ataques internos à sua unidade. Esta realidade, longe de nos desanimar, deve levar-nos a uma sempre renovada visão de fé – que é dom de Deus –, que se manifeste em oração pela Igreja, pelo Papa e, de modo particular, por todos os que sofrem perseguição por causa do Evangelho.

1 de setembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

²⁹ S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 131.

O PRESENTE TRANSFIGURADO

"Enquanto orava, o aspeto do Seu rosto modificou-se, e as Suas vestes tornaram-se de uma brancura fulgurante" (Lc 9, 29)

Na Transfiguração, Jesus revelou a Pedro, Tiago e João uma antecipação da glória futura. Pedro gostaria de ter ficado logo na "glória futura": "Mestre, é bom estarmos aqui. Façamos três tendas..." (Lc 9, 33).

Queremos ser plenamente felizes, com uma felicidade plena, que só na glória se realiza, com a visão de Deus. É compreensível que o salmista, e nós com ele, dirijamos ao Senhor um desejo que é ao mesmo tempo um propósito: "O Teu rosto, Senhor, é o Teu rosto que eu procuro !" (Sl 27, 8). Uma procura do rosto de Deus também agora, através da oração, sem fugir de um presente que às vezes não se consegue governar de todo, nem o passado, nem o futuro.

A oração: contemplar Deus, falar com Ele e ouvi-Lo. Longe de nos desenraizar do mundo, situa-nos na realidade atual e move-nos para o amor que nos muda, nos converte. O próprio presente fica transfigurado.

Com a colaboração da liberdade humana, a graça divina transfigura-nos, transforma-nos em filhos de Deus, na imagem de Cristo, como escreve S. Paulo: "somos transfigurados na Sua própria imagem, de glória em glória, pelo Senhor que é Espírito" (2 Cor 3, 18).

Durante a Transfiguração, Jesus conversa com Moisés e com Elias sobre a Sua próxima Paixão em Jerusalém. A glória e a cruz. Aprendemos a amar a cruz de cada dia e recuperamos o fulgor da paz e da alegria. Desta forma, podemos resumir a vida cristã e cada um dos seus momentos com palavras de S. Josemaria: "Da Cruz, com Cristo, à glória imortal do Pai"³⁰.

6 de agosto de 1987

[Voltar ao índice](#)

³⁰ S. Josemaria, Instrução, 19-III-1934, n. 29.

SEM ELE, NADA PODEMOS

*"Os apóstolos disseram ao Senhor: 'Aumenta a nossa fé'
(Lc 17, 5)*

Também nós suplicamos a Jesus: aumenta em nós a fé, a esperança, a caridade.

Não basta saber, teoricamente, que tudo o que nos acontece é para o nosso bem, que Deus é nosso Pai, meu Pai, que o Senhor e Maria nos acompanham e que "de tudo sou capaz n'Aquele que me dá força" (Fl 4, 13).

Não basta saber, teoricamente, que aconteça o que acontecer, com a nossa miséria patente e inegável, nos chamaremos vencedores com Cristo.

Não basta saber, teoricamente, que só vale a pena amar a Deus e, n'Ele, todos os outros.

Precisamos de que este saber seja sobrenatural, que no-lo dês Tu, Senhor, de forma concreta e permanente, porque estamos certos da Tua palavra: "Sem Mim, nada podeis fazer" (Jo 15, 5).

Sem Ti, Senhor, não podemos acreditar verdadeiramente. Acreditar na Tua palavra, em tudo o que nos revelaste, no que o magistério da Igreja nos propõe. E viver, em consequência, de justiça: "O justo viverá da fé" (Rm 1, 17).

Sem Ti, Senhor, não podemos verdadeiramente ter esperança, pôr a nossa confiança nas Tuas promessas, assistidos pela graça e o poder do Espírito Santo. E viver na terra com o horizonte de felicidade que encontraremos definitivamente no céu.

Sem Ti, Senhor, também não podemos amar verdadeiramente. Dar prioridade a tudo o que faz referência à Tua pessoa e, por Ti, amar todos e cada pessoa. Percorrer o nosso caminho de vida procurando amar-nos uns aos outros como Tu nos amaste (cf. Jo 15, 12).

8 de março de 1979

[Voltar ao índice](#)

FÉ NA MISERICÓRDIA

O Senhor respondeu: "Se tivésseis fé como um grão de mostarda, diríeis a esta amoreira: 'Arranca-te daí e planta-te no mar', e ela havia de obedecer-vos" (Lc 17, 6)

Com a alegria própria da Páscoa, a liturgia do Domingo da Misericórdia recorda estas palavras de S. João: " Esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé" (1 Jo 5, 4).

Na apaixonante missão de levar o Evangelho a cada nação, a cada ambiente, a cada pessoa, todos na Igreja encontramos, juntamente com muitas alegrias, não poucas dificuldades.

Permaneceremos alegres e com esperança se vivermos de fé na Misericórdia divina. Esta fé não a poderemos conseguir por nós mesmos, mas, especialmente quando nos sentimos fracos, podemos pedi-la como os Apóstolos, a Jesus: "Aumenta a nossa fé" (Lc 17, 5).

8 de abril de 2018

[Voltar ao índice](#)

TIBIEZA

*"Assim, porque és morno – e não és frio nem quente – vou vomitar-te da
minha boca"
(Ap 3, 16)*

A tibieza é falta de amor, arrefecimento da caridade, que é ensombrada pelo desleixo e a preguiça.

E a falta de amor é consequência da falta de fé, porque a fé atua pela caridade: fé em que realmente vale a pena dar-se completamente, sem tacahez.

A tibieza é também uma falta de esperança, da esperança na maravilhosa meta da glória.

12 de março de 2003

[Voltar ao índice](#)

DE BRAÇO DADO COM TODOS

"Mestre, vimos alguém expulsar demónios em Teu nome, alguém que não nos segue, e quisemos impedi-lo porque não nos segue"
(Mc 9, 38)

Amar o mundo para o transformar exige caminharmos de braço dado com todos; exige de cada um, segundo as suas possibilidades, uma profunda formação humana, profissional e doutrinal, e uma presença decidida nos fóruns onde as ideias se debatem, com uma abertura de visão que nos permita estimar a todos, independentemente das suas ideias ou convicções.

É preciso também ter um certo ascendente que se adquire quando levamos os outros a sério – e um "dom de línguas" pessoal. Assim se favorece aquela empatia pela qual a visão cristã da realidade é convincente, pois conta também com as inquietações do próximo, sem dominar, nem cair em monólogo.

O respeito pela dignidade de cada pessoa, para além dos seus possíveis erros, e pelo bem comum da sociedade, o trabalho sereno e responsável, em colaboração com outros cidadãos, põem em evidência a beleza e o atrativo dos valores cristãos.

Aumentar o apreço mútuo entre os fiéis da Igreja e entre os mais variados agrupamentos que nela podem existir é parte da missão na grande família dos filhos e filhas de Deus que é a Igreja: "o principal apostolado que nós, os cristãos, temos de realizar no mundo, o melhor testemunho de fé é contribuir para que dentro da Igreja se respire um clima de autêntica caridade"³¹.

14 de fevereiro de 2017

[Voltar ao índice](#)

³¹ S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 226.

PEDRAS VIVAS

"Onde estiverem dois ou três reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles" (Mt 18, 20)

Quando o Senhor nos chama a realizar uma tarefa concreta de evangelização, uma obra de apostolado, a chave não está em construir coisas, nem em ter muitos papéis (planos, programas, objetivos), mas em contribuir para edificar almas: "pedras vivas".

A missão de propagar a Igreja é, antes de mais e sempre, trabalho de almas, amando sinceramente todas as pessoas; procurar que o nosso exemplo, a nossa palavra, a nossa oração e o nosso sacrifício ajudem outras almas – concretas, com nomes e apelidos – a alcançar a felicidade de Deus no encontro com Jesus Cristo.

Só a esta luz é que tudo o resto adquire valor e sentido: promover meios de apostolado, planos de evangelização, etc. É assim que o apostolado pessoal e a correção fraterna ganham o seu relevo preciso. Se esquecêssemos isso, todas as construções, iniciativas e obras apostólicas careceriam de alma.

Isto é seguir o exemplo e a missão de Cristo, expandir a Igreja que Ele fundou, primeiro e fundamentalmente nas almas: em Pedro, em João, em Tiago...

26 de março de 1979

[Voltar ao índice](#)

A LIBERDADE DE JESUS

"A verdade vos tornará livres" (Jo 8, 32)

Todas as promessas de libertação que se sucedem ao longo dos séculos são verdadeiras na medida em que se alimentam da Verdade sobre Deus e o homem; a Verdade, que é uma Pessoa: Jesus, Caminho, Verdade e Vida (cf. Jo 14, 6).

S. João Paulo II recorda-nos que "também hoje, depois de dois mil anos, Cristo continua a aparecer-nos como Aquele que traz ao homem a liberdade baseada na verdade, como Aquele que liberta o homem daquilo que limita, diminui e como que destrói essa liberdade nas próprias raízes, na alma do homem, no seu coração e na sua consciência"³².

Para descobrirmos o significado mais profundo da liberdade, temos de contemplar Jesus Cristo, que "se entrega à morte com a plena liberdade do Amor"³³. Uma liberdade que se vai manifestando na Sua passagem pela terra, até ao sacrifício da Cruz: "Eu ofereço a Minha vida, para a retomar depois. Ninguém Ma tira, mas sou Eu que a ofereço livremente"(Jo 10, 17-18). "O Senhor viveu o culminar da Sua liberdade na Cruz, como cume do Amor. Quando no Calvário lhe gritavam: 'Se és o Filho de Deus, desce da cruz', Ele demonstrou a Sua liberdade de Filho exatamente permanecendo naquele patíbulo para cumprir plenamente a Vontade misericordiosa do Pai"³⁴.

Com a Sua entrega livre, por amor, Jesus obteve para nós a liberdade dos filhos de Deus, para sempre. Este dom não é transitório, para se exercer apenas durante esta vida na terra. A liberdade, como o amor, "nunca acaba" (1 Cor 13, 8): no Céu, a liberdade não só não desaparecerá, como alcançará a sua plenitude: a de abraçar o Amor de Deus.

O nosso caminho até lá é precisamente um caminho para "a liberdade na glória dos filhos de Deus" (Rm 8, 21).

9 de janeiro de 2018

[Voltar ao índice](#)

³² S. João Paulo II, Redemptor Hominis, Roma, 4-3-1979, n. 12.

³³ S. Josemaria, Via sacra, 10^a Estação.

³⁴ Bento XVI, Angelus, Roma, 1-7-2007.

DE QUE PRECISA?

*"Colocou-o sobre a sua própria montada, levou-o para uma estalagem e cuidou dele"
(Lc 10, 34)*

Há uma forma egoísta de servir os outros, especialmente quando, perante uma necessidade de alguém, a atitude primária é pensar: que devo fazer eu, qual é o meu dever?

O Senhor nos conceda que, nessas circunstâncias, a atitude primária seja pensar no que a outra pessoa precisa, o que lhe faria bem, o que a faria feliz...

Por exemplo, num acidente de trânsito com pessoas feridas: de que precisam? Como o bom Samaritano, que não pensou em qual era a sua obrigação mas sim naquilo de que o ferido precisava: ungiu as feridas com óleo e vinho, levá-lo à estalagem, adiantar dinheiro ao estalajadeiro...

Amar os outros radicalmente é considerá-los um dom de Deus para mim, mas não ao meu serviço, nem para meu benefício, mas para eles mesmos (amá-los "como Deus os ama": por si mesmos).

13 de março de 2003

[Voltar ao índice](#)

ALMAS DE ORAÇÃO

"Senhor, ensina-nos a orar, como João também ensinou os seus discípulos. Disse-lhes Ele: Quando orardes, dizei: 'Pai nosso...'"
(Lc 11, 1)

A filiação divina leva-nos à oração, também – e muito radicalmente – porque esta filiação é identificação com Cristo, com o Filho, com o Verbo, com a Palavra do diálogo eterno intratrinitário.

Que não nos habituemos, Senhor, às dificuldades na oração: ajuda-nos a viver o nunc coepi! (agora começo) da luta, pedindo-Te verdadeiramente ajuda, apoiando-nos em Nossa Senhora, em S. José, no Anjo da Guarda...

Dessa conversa com o Senhor, chegará a força para converter em oração todas as nossas ações, especialmente o trabalho.

A oração filial é confiada: "Senhor, meu Deus, nas Tuas mãos abandono o passado, o presente e o futuro, o pequeno e o grande, o pouco e o muito, o temporal e o eterno".

Almas de oração e de filiação divina, porque a oração do cristão deve ser sempre uma oração filial.

15 de outubro de 1996

[Voltar ao índice](#)

MISÉRIA E GRANDEZA

*"E [o filho pródigo] levantando-se,
foi ter com o pai" (Lc 15, 20)*

A humildade "ajuda-nos a conhecer simultaneamente a nossa miséria e a nossa grandeza"³⁵. As duas condições são evidentes no filho pródigo.

Reparar só na nossa miséria seria, de certo modo, uma forma de egocentrismo, significaria ignorar a verdade mais profunda do ser humano.

Portanto, quando a própria debilidade, os próprios erros e as limitações se evidenciarem especialmente, a humildade levar-nos-á a considerar, ao mesmo tempo, a nossa grandeza: a nossa filiação divina, a nossa permanente condição de filhos de Deus.

Assim, não há espaço para o pessimismo nem para a tristeza.

Assim, a consciência do próprio nada identifica-se com a audácia, a magnanimidade, o otimismo, a certeza da vitória que procede do nosso Pai Deus. Ele está sempre à nossa espera, como o pai da parábola, para vir ao nosso encontro e nos cobrir de manifestações de carinho.

16 de julho de 1984

[Voltar ao índice](#)

³⁵ S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 94.

CONVERSÃO

"Quando ainda estava longe, o pai viu-o e, enchendo-se de compaixão, correu a lançar-se-lhe ao pescoço e cobriu-o de beijos" (Lc 15, 20)

A nossa fragilidade é o contexto habitual do nosso caminhar para o Pai, do nosso dirigir-nos para a plenitude da glória dos filhos de Deus.

Isto só se pode compreender à luz da misericórdia divina. Esse contexto da nossa vida – o contexto de fraqueza pessoal, de pecado – acaba por ser o ambiente da misericórdia do nosso Pai Deus, que nos move e nos atrai constantemente para Si: é o ambiente do nosso ir e voltar para o Pai, o ambiente da nossa conversão.

Conversão, penitência, não são realidades que só de vez em quando ocupam a vida cristã: esta é uma conversão permanente, mas bem iluminada, caracterizada, na sua própria essência, pela filiação divina, que nos confirma na consoladora verdade de que "Nosso Senhor é tão verdadeiramente Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e se adianta com a Sua graça, abrindo-nos amorosamente os braços"³⁶.

Só nós próprios podemos impedir, com o nosso orgulho, esta maravilha divina e humana da nossa conversão alegre. É a soberba que impede a primeira condição do arrependimento: reconhecer o próprio pecado.

Por isso, o filho de Deus, se é um bom filho, luta por ser humilde, com uma humildade que nada tem a ver com um espírito encolhido. Uma humildade que também está configurada, na sua raiz, pela filiação divina: o facto de nos sabermos filhos de um Pai que está sempre à nossa espera, de braços abertos.

20 de junho de 1992

[Voltar ao índice](#)

³⁶ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 64.

A FESTA ETERNA

*"Mas o pai disse aos seus servos: 'Trazei depressa a melhor túnica e vestilha; dai-lhe um anel para o dedo e sandálias para os pés'"
(Lc 15, 22)*

"Que grande véspera é o mundo!"³⁷.

Que será o céu, a festa eterna no Amor, se tem umas vésperas – o mundo – com tanta maravilha e grandeza? Com tanta gente boa, como o pai da parábola.

Que será o inferno, se é negação de uma festa que tem tão grandes vésperas?

Quanto vale este mundo, que é a preparação para essa grande festa eterna! Que nos estimula a dar a cada instante uma vibração de eternidade.

Sozinhos, não podemos. Por isso repetimos: Senhor, com a Tua graça, minha Mãe, com a tua ajuda! Até que aquele "procuro, Senhor, o Teu rosto", do Salmo 27, se torne realidade, no eterno presente da glória.

14 de dezembro de 1994

Voltar ao índice

³⁷ Pedro Salinas, *La voz a ti debida*, Alianza, 1933, versos 425-493.

UMA GRANDE FESTA

"Trazei o vitelo gordo e matai-o; vamos fazer um banquete e alegrar-nos"
(Lc 15, 23)

Embora a alegria não tenha de se manifestar da mesma forma em todos os momentos e circunstâncias, podemos estar sempre alegres, perante o que é humanamente agradável e também perante o que apresenta sofrimento.

Quando permanecemos com Jesus, Ele a todos nos diz, como aos Apóstolos: "...para que a Minha alegria esteja em vós " (Jo 15, 11). E S. Paulo exorta-nos: "Alegrai-vos sempre no Senhor! De novo vos digo: alegrai-vos" (Fl 4, 4).

Nem a experiência da nossa fraqueza e dos nossos pecados nos deve fazer mergulhar na tristeza porque, como aconteceu ao filho pródigo (cf. Lc 15, 22-24), a alegria autêntica nasce da certeza de nos sabermos sempre infinitamente amados por Deus, que nos prepara "uma grande festa" de cada vez que nos arrependemos.

Assim, poderemos ser sempre, com Jesus, semeadores de paz e de alegria.

14 de junho de 2019

[Voltar ao índice](#)

ADOTADOS E ELEVADOS

"Vede que amor tão grande o Pai nos concedeu, a ponto de nos podermos chamar filhos de Deus. E, realmente, o somos!" (1 Jo 3, 1)

Não só Deus, numa efusão de bondade, quer que o tratemos como Pai, como, numa efusão incomparavelmente maior do Seu amor, nos faz Seus filhos em sentido estrito, embora limitado, parcial: por participação na única filiação divina em sentido pleno: a da Segunda Pessoa da Santíssima Trindade.

Esta familiaridade divina não é em nós uma simples questão moral, um simples comportamento, mas baseia-se numa transformação real, que é elevação, adoção filial. Ao conhecermos – e, de certa forma, experimentarmos – esta realidade divina da nossa divinização, sobressai fortemente o seu caráter de dom gratuito, que se edifica sobre a nossa debilidade.

Ser da família de Deus não é uma conquista nossa, não é um progresso humano. É um dom.

12 de janeiro de 1992

[Voltar ao índice](#)

A NOSSA MANEIRA DE REZAR

*"Contou-lhes uma parábola sobre a obrigação de orar sempre, sem desfalecer"
(Lc 18, 1)*

Quantas vezes teremos meditado sobre esta "necessidade"!

Quando os apóstolos pediram a Jesus que os ensinasse a rezar, o Senhor respondeu-lhes: "Quando orardes, dizei: Pai nosso..." (Lc 11, 2). O próprio Jesus começa a Sua oração dirigindo-se ao Pai: no louvor e na ação de graças (cf. Mt 11, 25-26; Jo 11,41); na Última Ceia (cf. Jo 17, 5); no Getsémani (cf. Lc 22, 42); na Cruz (cf. Lc 23, 34).

Em união com Jesus Cristo – por Ele e n'Ele – chegamos a Deus Pai (cf. Jo 14, 6), com simplicidade, sinceridade e confiança no Seu amor onnipotente.

Empreender cada dia uma vida de oração é deixar-nos acompanhar, nos bons e nos maus momentos, por Aquele que melhor nos compreende e nos ama. O diálogo com Jesus Cristo abre novas perspectivas, novas maneiras de ver as coisas, cada vez mais esperanças.

Peçamos ao Espírito Santo que renove constantemente a nossa maneira de rezar. A iniciativa é d'Ele: "O Deus vivo e verdadeiro chama incansavelmente cada pessoa ao misterioso encontro da oração"³⁸.

10 de agosto de 2019

[Voltar ao índice](#)

³⁸ Catecismo da Igreja Católica, n. 2567.

SUBIRAM AO TEMPLO

"Dois homens subiram ao Templo para rezar..." (Lc 18, 10)

O fariseu dá graças a Deus... aparentemente.

Reconhecer que as qualidades pessoais e as boas ações não seriam possíveis sem a ajuda do Céu é uma coisa muito boa e necessária. Mas este homem, na realidade, exaltava-se a si mesmo e, sobretudo, desprezava os outros. Faltava-lhe uma coisa essencial: reconhecer-se também necessitado de misericórdia e de perdão.

O publicano, pelo contrário, ao confessar-se simplesmente pecador e necessitado da misericórdia de Deus, ficou perdoado.

Ao acabar de expor a parábola, o Senhor conclui: "Quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado".

Deus não se regozija com a nossa humilhação, quer a nossa humildade para nos exaltar, para que – esvaziando-nos do amor-próprio desordenado – abramos os espaços da nossa vida à ação da Sua graça, do Seu amor. A oração é humilde.

30 de março de 2019

[Voltar ao índice](#)

O ÚLTIMO LUGAR

"Todo aquele que se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado" (Lc 18, 14)

Normalmente, não é difícil colocar-se, o próprio, em último lugar. Mas talvez a soberba se indigne quando se "é colocado" em último lugar, o que às vezes parece e, na realidade, até é, apenas imaginação. Nesses momentos podemos compreender melhor aquele comentário de S. Josemaria: "Não és humilde quando te humilhas, mas quando te humilham e o aceitas por Cristo"³⁹.

Se fôssemos verdadeiramente humildes, parecer-nos-ia natural sermos tidos em pouca consideração. Mas o caminho da humildade é longo, dura toda a vida. Por isso, pelo menos quando percebemos essas rebeliões do orgulho ferido, podemos oferecer ao Senhor o desejo de as aguentar sem especiais queixas, nem sequer interiores, com um sorriso, com a alegria de fundo própria de um espírito cristão. E será uma boa ocasião para rezarmos, por intercessão de Santa Maria, escrava do Senhor: Jesus, faz-me Tu humilde, porque eu sou um soberbo.

Outro passo na escada que leva à humildade é ocultar-se e desaparecer quando o Senhor nos permite obter o que normalmente consideramos um "bom resultado" no trabalho, no apostolado ou em qualquer outro âmbito da vida. Deixar que só Jesus brilhe, que só Deus fique com os créditos que Lhe correspondem.

Para se ocultar assim, não basta esperar passivamente. Sem um certo treino, não o saberemos fazer quando a ocasião surgir, não iremos deixar que nos ignorem. Por vezes é necessário ocultar-se voluntariamente, procurando ser o último. Se não, quando nos puserem no último lugar, não saberemos ficar lá, assim, num segundo ou terceiro plano, com naturalidade.

Ocultar-se é não impor as ideias próprias, ouvir os outros com interesse, optando por facilitar que os outros tenham o melhor, evitar aplausos, desejar o não-aplausos, não reclamar "direitos" que

não o são, evitar muitas queixas que nos escapam da boca ao longo do dia, para que só Deus conheça o sacrifício que uma determinada ação nos possa ter exigido, não manifestar que se trabalha muito, não mostrar o esforço pessoal que houve por trás de um êxito conseguido.

22 de junho de 1977

[Voltar ao índice](#)

³⁹ S. Josemaria, Caminho, n. 594.

INTERROGAÇÕES DE JUVENTUDE

*"Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?"
(Mc 10, 17)*

"Quando contemplo os céus, obra das Tuas mãos, a Lua e as estrelas que Tu criaste: que é o homem para Te lembrares dele, o filho do homem para com ele Te preocupares"? (Sl 8, 4-5). Estas palavras do salmista refletem o assombro que nasce na alma quando uma pessoa contempla a imensidão do universo e, ao mesmo tempo, descobre que, apesar da sua própria pequenez, é amada incondicionalmente por Deus como é, por si mesma.

Às vezes, podemos ter a sensação de que esta experiência de plenitude é admirável, bela, mas inalcançável. Temos a impressão de que vivemos submersos no turbilhão da vida, repleta de ocupações, projetos, coisas para fazer. Podem surgir dúvidas dentro de nós: e tudo isto, para quê? Que sentido tem que faça isto ou aquilo? Onde quero chegar? Que procuro eu, realmente? São exigências que se despertam na nossa alma, que aspira a algo mais, e que, com a assistência do Espírito Santo, nos abrem a grandes horizontes.

A juventude é um tempo especialmente oportuno para se fazerem estas perguntas, porque se descobre cheia de possibilidades, grandes desafios e decisões que marcarão o rumo da existência. É necessário, portanto, ter espaços e tempos de reflexão, de maturação, para considerar o que se viveu até aí, para redescobrir o presente – aquilo que cada um é – e planejar o futuro.

Por trás dessas grandes questões, Deus quer abrir-nos um panorama de grandeza e de beleza que talvez esteja oculto aos nossos olhos. É necessário confiar n'Ele e dar um passo em direção ao Seu encontro.

As propostas de Deus para nós não são para extinguir sonhos, mas sim para acender desejos, para fazer com que a nossa vida frutifique e faça brotar muitos sorrisos, que alegre muitos corações, como afirmou o Papa Francisco na vídeo-mensagem sobre a Jornada

Mundial da Juventude no Panamá, considerando o exemplo da Virgem Maria, que, com o seu generoso "sim" a Deus, mudou para sempre o rumo da História.

26 de janeiro de 2019

[Voltar ao índice](#)

ARRISCAR

"Mas ele ficou de semblante anuviado com estas palavras, e retirou-se triste, pois tinha muitos bens " (Mc 10, 22)

O Senhor quer dar toda a Sua amizade ao jovem rico, e apresenta-lhe um panorama de felicidade. Mas o jovem prefere seguir outro caminho.

Oferecer a nossa amizade de maneira autêntica pressupõe a capacidade de arriscar, pois existe a possibilidade de não ser correspondido.

Jesus experimenta-o em primeira pessoa com este rapaz, ou quando, descendo do Monte das Oliveiras, chora sobre Jerusalém ao pensar naqueles que endureceram os seus corações (cf. Lc 19, 41).

Perante estas experiências – que surgem, mais cedo ou mais tarde –, superemos o medo de voltar a arriscar, como Jesus Cristo o faz com cada um de nós.

Aceitemos essa vulnerabilidade, dando continuamente o primeiro passo sem esperar nada em troca, com os olhos postos no grande bem que assim poderá nascer: uma amizade autêntica.

1 de novembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

O BEM DE DEUS

"Amarás o Senhor, teu Deus..." (Mt 22, 37)

Amar tem muitos aspetos..., mas que é amar a Deus? Amar a Deus é desejar possuí-Lo, vê-Lo, desfrutar do Seu infinito Bem. Amar a Deus é procurar a união com Ele.

Mas isto não é tudo, não é a plenitude do amor.

A plenitude do amor (amor de benevolência) é desejar – e procurar – o bem para a pessoa amada.

Posso eu procurar um bem que Deus não tenha, se não for eu a procurar-Lho? Sim: a minha própria felicidade (a santidade) e a dos outros. É uma manifestação do mistério de Deus no Seu revelar-se ao mundo e, sobretudo, às criaturas livres: Deus quis criar seres livres e portanto, de certo modo, humanamente falando, quis que alguém O ame em sentido pleno: "procurar o bem de Deus", que é, por outras palavras, "a glória de Deus", sendo, quem Lha deve dar, livre. E essa glória ou bem de Deus – que nós Lhe podemos dar ou negar – é a nossa própria felicidade (e a dos outros), que a nossa união pessoal com Ele significa.

Assim, com respeito a Deus, o nosso "amor de concupiscência" identifica-se com o nosso "amor de benevolência". Deus quis livremente "precisar de nós".

E, por contraste, o pecado entende-se de forma mais viva como ofensa a Deus, e a realidade do desagravo compreende-se de maneira ainda mais profunda; a de poder ser "o consolo de Deus".

22 de março de 1984

[Voltar ao índice](#)

O BEM DO PRÓXIMO

*"... e ao teu próximo como a ti mesmo"
(Mt 22, 39)*

Amar os outros por Deus é amar Deus nos outros. "Em verdade vos digo, sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes" (Mt 25,40).

Porque a caridade – amor a Deus e amor aos outros – é uma virtude, não duas virtudes.

A medida do amor e do serviço a Deus é o amor e o serviço aos outros, não porque os outros sejam Deus, mas porque Deus ama os outros, deseja o seu bem, "faz-Lhe falta" o seu bem.

22 de março de 1984

[Voltar ao índice](#)

PACIÊNCIA E IMPACIÊNCIA

*"O amor é paciente"
(1Cor 13, 4)*

Há ocasiões em que surge a impaciência: interrupções imprevistas no trabalho, atrasos que nos fazem esperar, pequenos ou grandes contratempos da vida quotidiana.

Pensemos – falemos! – imediatamente com o Senhor: Jesus, mais paciente tens sido Tu comigo!

A impaciência, para além do que possa ter de reação instintiva, é falta de mortificação interior e, na sua raiz, falta de caridade.

Pelo contrário, a compreensão, a desculpa, a paz, são o efeito do amor a Deus e aos outros. Perante qualquer movimento de impaciência, tentemos sorrir e rezar por quem nos interrompe, nos faz esperar ou nos cansa, em determinado momento, e oferecê-lo ao Senhor com alegria.

O sorriso – aparentemente forçado – perante o que nos contraria, é também um ato de fé, um ato de esperança e um ato de caridade.

De fé na Providência amorosa e constante de Deus.

De esperança na eficácia salvadora da Cruz.

De caridade, porque é dar alegria aos outros.

Jesus, com a Tua graça, minha Mãe, com a tua ajuda.

"Pela vossa constância é que sereis salvos" (Lc 21, 19).

26 de fevereiro de 1999

[Voltar ao índice](#)

IRMÃOS DE TODOS

"Não há judeu nem grego; não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, porque todos sois um só em Cristo Jesus" (Gl 3, 28)

A filiação comum de muitos ao mesmo Pai estabelece a correspondente fraternidade.

Se somos filhos de Deus, somos irmãos entre nós; e o realismo desta filiação implica um realismo paralelo nesta fraternidade. O nosso ser filhos de Deus em Cristo confere à fraternidade cristã características sobrenaturais precisas.

Esta fraternidade é unidade: somos todos um em Cristo. À luz do mistério da comunhão dos santos, do Corpo Místico, a fraternidade entre os cristãos manifesta-se, não como uma horizontalidade, mas como uma verticalidade em Cristo.

Ser realmente irmãos de todos os cristãos é algo muito mais profundo, uma união muito mais forte do que a simples fraternidade derivada da posse da mesma natureza; ultrapassa incomparavelmente a fraternidade universal, também importante, entre os seres humanos.

De certa forma – mística, mas real –, os cristãos, mais do que sermos muitos irmãos, somos um em Cristo Jesus.

4 de abril de 1992

[Voltar ao índice](#)

O AMOR ANTECIPA-SE

"Tenho ardentemente desejado comer esta Páscoa convosco antes de sofrer"
(Lc 22,15)

"Antes de sofrer". O Senhor, devido ao Seu amor por nós, antecipa o Seu sacrifício: a Missa, a Eucaristia, é a atualização sacramental do sacrifício da Cruz, onde Jesus, com os braços estendidos, dá a sua vida à humanidade.

Numa simples lógica humana, parece que a coisa mais natural teria sido instituir a Eucaristia após a Paixão e a Ressurreição. Mas o amor ultrapassa a nossa lógica, não espera pela ocasião que consideraríamos a melhor, a mais propícia. Em qualquer caso, é assim o Amor de Deus que, no coração humano de Jesus, se antecipa e vai à frente daquilo que supomos ser mais "razoável".

Como é o nosso amor? Nunca podemos antecipar-nos ao Senhor, porque o nosso é sempre uma correspondência, hoje e agora, ao d'Ele. Mas Jesus diz-nos, no Seu mandamento novo: "Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei" (Jo 15,12).

O "como Eu" de Cristo convida-nos também a antecipar-nos no amor aos outros. Amar "como Cristo", dar-mo-nos e servir as pessoas à nossa volta deve ser feito antes de tempo, sem esperar meramente pelo que é aceitável ou razoável: "quando puder", "quando me disserem", "se me pedirem".

Olhando para Cristo, descobriremos maneiras de atuar antes, sem terem de nos pedir esse ato de amor, esse serviço, esse sacrifício. Levaremos as cargas uns dos outros. Com uma doação antecipada como a de tantas mães e pais que, através do serviço desinteressado aos seus filhos, geram amizades que se propagam muito para além do seu próprio contexto familiar.

"E assim cumprireis plenamente a lei de Cristo" (Gl 6,2): e então não nos consideraremos heróis, porque não fizemos mais do que

cumprir o nosso dever, a lei de Cristo que, mandando-nos amar, é "a lei perfeita da liberdade" (Tg 1, 25).

4 de abril de 1977

[Voltar ao índice](#)

ATÉ AO EXTREMO

"Antes da festa da Páscoa, Jesus, sabendo bem que tinha chegado a Sua hora da passagem deste mundo para o Pai, Ele, que amara os Seus que estavam no mundo, levou o Seu amor por eles até ao extremo" (Jo 13,1)

Vamos com a nossa imaginação até ao Cenáculo de Jerusalém, para contemplar a grande prova de amor que o Senhor nos dá: a instituição da Eucaristia.

O nosso Deus está sempre perto de nós. Mas na Eucaristia está especialmente próximo do nosso coração: com o Seu corpo, com o Seu sangue, com a Sua alma, com a Sua divindade.

Jesus amou-nos "até ao extremo". Ninguém é excluído deste amor. Para cada um, o Filho de Deus fez-se Homem, em tudo como nós, "exceto no pecado" (Heb 4,15). Mais ainda: quis carregar sobre Si os pecados de toda a humanidade, para expiar por eles e nos restituir a amizade com Deus Pai.

A nossa correspondência ao amor de Deus tem muitas manifestações. Uma delas é agradecermos tanto carinho, preparando-nos muito bem para o sacramento da confissão, para participar na Santa Missa e para receber a Sagrada Comunhão.

A participação no Sacrifício Eucarístico não é apenas a recordação da entrega do Senhor por nós; a Missa é muito mais: é a atualização sacramental do sacrifício do Calvário, antecipado na Última Ceia.

S. João Paulo II escreveu que o Sacrifício da Cruz "é tão decisivo para a salvação do género humano que Jesus Cristo o realizou e só voltou ao Pai depois de nos ter deixado os meios para dele participarmos, como se tivéssemos estado presentes"⁴⁰.

Graças, Senhor, pela Eucaristia. E graças pela fé, a nossa fé, na Eucaristia. Obrigado pelo sacerdócio, que perpetua este Teu amor no tempo. "É tanto o Amor de Deus pelas Suas criaturas ", exclama S.

Josemaria, "e deveria ser tanta a nossa correspondência que, ao celebrar a Santa Missa, deviam parar os relógios"⁴¹.

13 de abril de 2017

Voltar ao índice

⁴⁰ S. João Paulo II, Ecclesia de Eucharistia, Roma, 17-4-2003, n. 11.

⁴¹ S. Josemaria, Forja, n. 436.

SERMOS AMADOS POR DEUS

*"Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros, que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei"
(Jo 13, 34)*

Como é esclarecedor ponderar nestas palavras do Concílio Vaticano II: "O homem é a única criatura na terra que Deus quis por si própria"⁴².

E mais ainda, Deus quer, ama, hoje e agora e sempre, cada pessoa por si mesma.

Quer o seu bem, a sua felicidade plena, que só n'Ele se pode encontrar.

A pessoa não é um meio, e não pode ser considerada ou tratada como um meio para outra coisa, porque Deus a ama por si mesma. É um princípio absoluto que remete para a nossa dignidade pessoal. Não podemos usar ninguém como meio para obter um fim egoísta, mas também não o podemos fazer para conseguir fins bons ou santos.

Tratar alguém como um meio é despojá-lo da sua qualidade de pessoa (deixar de o amar por si próprio) e transformá-lo num objeto (amá-lo pelo que me pode trazer, o que deixa de ser amor).

E o amor a Deus leva ao amor aos outros por Deus e como Deus os ama: isto é, por eles próprios, não por nós.

O mandamento novo é sempre novo, no sentido em que não o alcançamos plenamente; nunca chegamos a amar "como Eu vos amei", quando Aquele que o diz é a Caridade infinita, o próprio Amor.

13 de novembro de 1979

[Voltar ao índice](#)

⁴² Concílio Vaticano II, Const. Gaudium et Spes, n. 24.

"PRE-OCUPAR-SE"

"Por isto é que todos conhecerão que sois Meus discípulos: se vos amardes uns aos outros" (Jo 13, 35)

Os outros, tudo o que se refere aos outros deve ser objeto do meu interesse, da minha solicitude, da ocupação do meu tempo. Como se fosse meu: é meu, porque é de Cristo.

É necessário preocupar-se com os outros.

Não basta ocupar-se apenas, ou seja, ter a atitude de fazer pelos outros o que se nos vai deparando...

Preocupar-se é precisamente isso: pré-ocupar-se: ocupar-se com os outros "antes", tendo-os no nosso pensamento, para rezar por eles, para "inventar" detalhes que lhes tornem a vida mais agradável.

"Que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei" (Jo 13, 34). Exige ainda mais: dar a vida. Amar até ao fim, com obras.

12 de dezembro de 1989

[Voltar ao índice](#)

REVESTIR-SE DE CRISTO

"Tomou então o pão e, depois de dar graças, partiu-o e distribuiu-o por eles, dizendo: «Isto é o Meu corpo, que vai ser entregue por vós. Fazei isto em Minha memória»" (Lc 22, 19)

Desde então, na Igreja, através dos sacerdotes, este ato sublime de Jesus Cristo, que teve lugar pela primeira vez no Cenáculo em Jerusalém, tem sido continuamente repetido.

No momento da Consagração, durante a Missa, cada sacerdote transforma-se de um modo especial em ipse Christus, o próprio Cristo.

Cada sacerdote empresta ao Senhor a sua voz, as suas mãos, todo o seu corpo, a sua vontade, todo o seu ser. Por analogia, aqueles que participam na Missa, embora de uma forma diferente, também se revestem de Cristo.

Como devemos usar a nossa voz, as mãos, o nosso olhar, a vontade, durante o resto do dia, se Cristo os fez Seus de uma forma tão real?

Quem se reveste de Cristo – sacerdote ou leigo – coloca-se à disposição, coloca-se ao serviço dos outros e, como fez Nosso Senhor, esquece, por amor, os seus direitos.

O nosso sorriso e a nossa maneira amável de conviver são amor de Cristo pela humanidade. No nosso serviço aos outros, torna-se visível o afeto de Jesus Cristo por cada pessoa.

A mais leve infidelidade, a mais leve falta de caridade, deveria parecer-nos um disparate. Mas como somos fracos, fazemo-nos crianças e recorremos a Maria com confiança, como fez S. Josemaria com aquela expressão inspirada no texto da Epístola aos Hebreus (Heb 4, 16), em que Maria é chamada "trono da graça": "Vamos confiadamente ao trono da glória para obter misericórdia!"

28 de março de 1977

[Voltar ao índice](#)

DE MISSA EM MISSA

*"Bebei dele, todos. Porque este é o Meu sangue, o sangue da nova Aliança"
(Mt 26, 27-28)*

A vida contemplativa, o contínuo descansar em Deus, alimenta-se em primeiro lugar da Santa Missa e da Comunhão Eucarística, que é antecipação do céu e penhor de vida eterna: "Quem realmente come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna, e Eu o ressuscitarei no último dia" (Jo 6, 54).

Seria maravilhoso – no que se refere a cada um de nós – que a nossa memória do passado se concentrasse na última Missa e que a nossa imaginação do futuro se concentrasse na próxima Missa.

Assim, não só não pensaríamos desnecessariamente nas nossas pequenas coisas, mas o nosso exame de consciência e os nossos propósitos seriam mais realistas e concretos, orientados para o serviço dos outros, contemplando a entrega de Jesus Cristo na Eucaristia.

5 de março de 1998

[Voltar ao índice](#)

CHAMA OS POBRES

*"Quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos"
(Lc 14, 13)*

Precisamos de que o Senhor dilate os nossos corações, que nos dê um coração feito à Sua medida, para que todas as necessidades, as dores, os sofrimentos dos homens e mulheres do nosso tempo, especialmente dos mais frágeis, possam entrar nele.

No mundo de hoje, a pobreza tem muitas faces diferentes: os doentes e os idosos que são tratados com indiferença, a solidão sentida por muitas pessoas abandonadas, o drama dos refugiados, a miséria em que vive uma grande parte da humanidade, muitas vezes como consequência de injustiças que bradam ao céu.

Nada disto nos pode ser indiferente. Cada cristão deve pôr a funcionar a "imaginação da caridade" de que S. João Paulo II falava, para levar o bálsamo da ternura de Deus a todos os nossos irmãos necessitados: "Os pobres, dizia aquele amigo nosso, são o meu melhor livro espiritual e o motivo principal das minhas orações. Dói-me a sua dor, e dói-me o sofrimento de Cristo neles. E, porque me dói, compreendo que O amo e que os amo"⁴³.

14 de fevereiro de 2017

[Voltar ao índice](#)

⁴³ S. Josemaria, Sulco, n. 827.

IMAGEM DE DEUS

"Eu estou no Meu Pai, e vós em Mim, e Eu em vós" (Jo 14, 20)

Diante de qualquer imagem do Senhor – nas igrejas, nas casas, nos locais de trabalho, nas ruas, nos museus – é fácil e natural que saia da alma um "Jesus, amo-te", com ou sem palavras.

Mas consideremos que cada pessoa humana é imagem de Deus. E peçamos, portanto, a graça de saber descobrir Jesus nos outros, em cada pessoa, uma a uma.

Ao vermos cada pessoa, podemos dizer: "Meu Deus, eu amo-te", englobando aí, num ideal inseparável, o amor a Deus e o amor à irmã e ao irmão.

Ver o Senhor no outro pode também tornar-se uma súplica e um pedido para que essa pessoa esteja cada vez mais próxima de Deus e mais feliz.

23 de dezembro de 1992

[Voltar ao índice](#)

A NOSSA VIDA

"Jesus respondeu-lhe: Se alguém Me tem amor, há de guardar a Minha palavra, e Meu Pai o amará, e Nós viremos a ele e nele faremos morada"
(Jo 14, 23)

O caminho da nossa entrada na intimidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é seguir Cristo, mas de tal forma que não só O imitemos, mas que cheguemos a identificar-nos com Ele.

Não somos filhos do Pai cada um por si, por assim dizer, mas somos filhos do Pai porque somos Cristo, sem deixarmos de ser nós mesmos.

Pela graça e pela filiação divina, "a vida de Cristo é a nossa vida". O cristão deve, portanto, "viver segundo a vida de Cristo, fazendo seus os sentimentos de Cristo, para poder exclamar com S. Paulo: 'Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim' (Gl 2, 20)"⁴⁴.

Isto fala-nos do nosso esforço para imitar Jesus, não como realização de uma simples semelhança externa, mas como consequência de Ele viver em nós, na Sua unidade-distinção com o Pai, como Filho unigénito.

E nesta nossa união espiritual com Ele, pela qual participamos na Sua filiação, somos, n'Ele, filhos do Pai.

Toda esta realidade é um dom gratuito de Deus, mas requer a nossa correspondência: o nosso amor, o cumprimento da Sua vontade, das Suas palavras, dos Seus mandamentos.

13 de fevereiro de 1992

[Voltar ao índice](#)

⁴⁴ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 103.

PAZ E INCERTEZA

*"Deixo-vos a paz, dou-vos a Minha paz. Não é como a dá o mundo, que Eu vo-la dou"
(Jo 14, 27)*

A paz é normalmente identificada com estabilidade na vida pessoal, profissional e relacional; nas famílias, esperança no futuro dos filhos; boa saúde; tranquilidade financeira; saber que alguém cuidará de nós com afeto quando formos velhos; que os nossos sonhos e os dos nossos entes queridos serão realizados. No fundo, o que dá paz é amar e ser amado.

Deus quer tudo isto para nós, Ele quer que sejamos felizes.

No entanto, a vida parece consistir em esperar por algo que nunca é plenamente alcançado. Projetos realizados e outros fracassados, felicidade e sofrimento, saúde e doença. Esta experiência de limites inexoráveis indica que uma ferida de origem percorre a humanidade. Jesus, Filho de Deus, encarna e entra na ferida. Nasce fora de casa, sofre calúnias dos seus familiares, suspeitas das autoridades, tristeza, morte violenta...

Perguntemos a Jesus: os Teus sonhos e os planos do Teu coração foram realizados? O Seu sonho era – e ainda é, pois vive connosco – salvar-nos através do Amor, tornando-nos capazes de amar como Ele ama: "Ele é a nossa paz" (Ef 2, 14).

Com o amor à Cruz descobrimos que, no entrelaçamento de alegrias e tristezas, podemos sempre abrir-nos a Deus e aos outros. Recuperaremos a paz perante as dificuldades e problemas, deixando de ser nós próprios o centro do nosso afeto e atenção.

No meio dos sofrimentos na Cruz, Jesus continuou a amar: pede ao Pai que perdoe aos Seus executores, não esquece a Sua Mãe nem João, dialoga com o bom ladrão... Era o Amor que o tinha levado ao madeiro: o Amor por cada um de nós.

"Não é como a dá o mundo que Eu vos dou a paz..."

20 de março de 2014

[Voltar ao índice](#)

TRANSMITIR PAZ

"Deixo-vos a paz" (Jo 14, 27)

Deus deseja a paz em cada um de nós e que a comuniquemos aos outros. "Escreves-me e eu copio: «A minha alegria e a minha paz. Nunca poderei ter verdadeira alegria se não tiver paz. E o que é a paz? A paz é algo de muito relacionado com a guerra. A paz é a consequência da vitória. A paz exige de mim uma contínua luta. Sem luta, não poderei ter paz"⁴⁵.

Na luta interior, pomos em ação a liberdade de amar face às respostas que Deus nos pede, com a Sua ajuda. Quanto mais amamos e quanto mais livremente o fazemos, mais paz temos, independentemente das trepidações pessoais e do ambiente externo. Portanto, a luta não é inquietação nem ausência de serenidade.

Quem tem paz transmite-a com a sua presença, com a sua forma de reagir com as pessoas e os acontecimentos. Cristo, "Príncipe da Paz" (Is 9, 5), permite-nos ver com os Seus olhos. Assim descrevia S. Josemaria este sinal do cristão, o seu clima interior ao relacionar-se com os outros e ao transmitir o Evangelho: "sermos semeadores de paz e de alegria com a nossa palavra e com as nossas obras"⁴⁶.

20 de março de 2014

[Voltar ao índice](#)

⁴⁵ S. Josemaria, Caminho, n. 308.

⁴⁶ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 168.

DESCOMPLICADOS

*"Não se perturbe o vosso coração, nem se acobarde"
(Jo 14, 27)*

A mortificação interior é necessária e assume por vezes um valor mais elevado do que outras penitências aparentemente mais custosas.

Entre os seus muitos aspetos, um importante é o de não darmos voltas aos próprios fracassos, às possíveis dificuldades pessoais, aos pecados, fora dos momentos oportunos: na confissão, no exame de consciência...

No extremo oposto, peçamos ao Senhor que nos ajude a não considerar os nossos fracassos inevitáveis. Isto pode acontecer perante a experiência da repetição contínua dos mesmos erros, mesmo que sejam pequenos, como as distrações na oração.

Talvez teoricamente não se considerem inevitáveis, mas sim na prática quando, de facto, a luta para não nos distrairmos é sempre a mesma; quando não procuramos maneiras de lutar com mais eficácia: em primeiro lugar, a de pedir ajuda ao céu logo ao começar.

A paz de Jesus impede toda a complicação interior e, ao mesmo tempo, impele a uma serena luta de amor, que é capaz de se renovar sempre de novo.

17 de fevereiro de 2016

[Voltar ao índice](#)

SEM DISTINÇÕES

*"Como o Pai me tem amor, assim Eu vos amo a vós"
(Jo 15, 9)*

As manifestações que a fraternidade deve ter na vida quotidiana são incontáveis. Mas a raiz de que brotam não é outra senão a filiação divina.

"Com os filhos de Deus, temos de comportar-nos como filhos de Deus"⁴⁷. Assim resume S. Josemaria as exigências da caridade fraterna radicada na filiação divina.

Este fundamento sobrenatural confere às manifestações de fraternidade entre os cristãos certas exigências também de respeito – que não é frieza nem formalidade – que lhe dão o toque da delicadeza humana: amor e respeito pelos outros, que seja amor e respeito pela imagem de Cristo, pelo próprio Cristo, presente neles.

Para além da fraternidade sobrenatural enraizada na graça de Deus, estende-se a todas as pessoas uma fraternidade radicada no facto de todos sermos criaturas de Deus e todos chamados à intimidade da casa do Pai.

Por cima de qualquer tipo de distinção, os cristãos devem ter sempre presente que "Nosso Senhor veio trazer paz, a boa nova, a vida, a todos os homens. Não só aos ricos, nem só aos pobres; não só aos sábios, nem só à gente simples; a todos; aos irmãos, pois somos irmãos, já que somos filhos do mesmo Pai, Deus. Não há, portanto, mais do que uma raça: a raça dos filhos de Deus. Não há mais que uma cor: a cor dos filhos de Deus. E não há senão uma língua: a que nos fala ao coração e à inteligência, sem ruído de palavras, mas dando-nos a conhecer Deus e fazendo que nos amemos uns aos outros"⁴⁸.

8 de abril de 1992

[Voltar ao índice](#)

⁴⁷ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 36.

⁴⁸ Ibidem, n. 106.

INOVAR O AMOR

"Permanecei no Meu amor"

(Jo 15, 9)

"Cantai ao Senhor um cântico novo", anima-nos o Salmo 97.

Que cada dia, ao começar, seja verdadeiramente o início de um cântico novo, pela novidade do amor.

A novidade da luta nas mesmas coisas que ontem: na novidade do amor, no hoje e agora.

Senhor, não sabemos como cantar este cântico novo se Tu não nos deres o tom e se não nos "soprares" a letra.

Não é necessário "inventarmos" propósitos, mas antes inventarmos o amor no habitual, no que é próprio de cada dia.

16 de março de 2000

[Voltar ao índice](#)

O QUE CUSTA

*"Manifestei-vos estas coisas para que a Minha alegria esteja em vós [...]"
(Jo 15,11)*

Falando aos Apóstolos, Jesus também nos fala a nós. Ele quer que a alegria viva em toda a gente e que encha tudo na nossa vida. Quer que sejamos felizes, mesmo na hora inevitável do sofrimento.

Por esta razão, devemos perguntar-nos como realizar com alegria também aqueles deveres que podem ser desagradáveis.

Vejamos que "não é lícito pensar que só é possível fazer com alegria o trabalho que nos agrada"⁴⁹. Podemos fazer com alegria – e não de má vontade – aquilo que custa, aquilo de que não gostamos, se o fizermos por e com amor e portanto, livremente.

Em 28 de abril de 1963, rezando em voz alta, S. Josemaria explicava assim a luz que tinha recebido no longínquo ano de 1931: "Fizeste-me compreender, Senhor, que ter a Cruz é encontrar a felicidade, a alegria. E a razão – vejo-o agora com mais clareza do que nunca – é esta: ter a Cruz é identificar-se com Cristo, é ser Cristo, e, portanto, ser filho de Deus"⁵⁰.

Olhar para Jesus na Cruz é, paradoxalmente, uma via de acesso direto à alegria, a essa alegria que Ele quer para nós, e que deseja que seja completa.

9 de janeiro de 2018

[Voltar ao índice](#)

⁴⁹ S. Josemaria, Carta 29-XII-1947, n. 106.

⁵⁰ S. Josemaria, Notas de uma meditação, 28-4-1963.

A ALEGRIA DOS FILHOS DE DEUS

"Manifestei-vos estas coisas [...] para que a vossa alegria seja completa"
(Jo 15, 11)

A posse do bem – também a esperança de o desfrutar – produz aquele estado de alma a que chamamos alegria.

Uma alegria que pode estar enraizada em bens efémeros ou em bens eternos; que pode afetar a alma superficialmente ou em toda a sua profundidade.

Há muitas alegrias circunstanciais, necessariamente passageiras; há também risos que escondem tristeza e há lágrimas de alegria...

Nesta vida não pode haver alegria mais completa que a do filho de Deus, porque nenhum bem se pode comparar com a infinita riqueza de ser família de Deus, de sermos filhos de Deus. Nada neste mundo deveria roubar a nossa alegria.

Uma alegria, uma esperança segura, uma serenidade, um bom humor, que não é a "alegria do animal sadio" mas a "alegria de nos sabermos queridos com predileção pelo nosso Pai Deus, que nos acolhe, nos ajuda e nos perdoa sempre"⁵¹.

Uma alegria que não se apoia nas nossas virtudes: não é uma vã satisfação pessoal, mas edifica-se sobre a própria fraqueza e debilidade humana.

Conhecer a própria fragilidade, experimentar a presença da adversidade dentro de nós mesmos pode e deve dar lugar à alegria.

1 de maio de 1992

[Voltar ao índice](#)

⁵¹ Cf. S. Josemaria, Caminho, n. 659 e Forja, n. 332.

NOVIDADE

"Que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei" (Jo 15, 12)

Jesus deu-nos este mandato expresso na Última Ceia. E para que ficasse bem gravado na memória dos Seus discípulos e na memória de cada um de nós, lavou os pés aos Apóstolos.

S. João, na sua primeira Epístola, escreve: "foi com isto que ficámos a conhecer o amor: em que Ele, Jesus, deu a Sua vida por nós; portanto, também nós devemos dar a vida pelos nossos irmãos" (1 Jo 3, 16).

Como vamos fazê-lo? Há muitas maneiras de pôr em prática o mandamento novo do Senhor. O perdão, a desculpa, a compreensão, o sincero cuidado pelos outros, os detalhes de serviço na vida quotidiana – na família, no local de trabalho, nos momentos de descanso, etc. – são muitas oportunidades para tornar vivo o mandato do Senhor, para fazer dele a nossa vida.

Também na Última Ceia, Jesus pediu ao Pai pela unidade daqueles que seriam chamados ao longo dos tempos. "Para que todos sejam um só, como tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti; para que assim eles estejam em Nós, e o mundo creia que Tu me enviaste" (Jo 17, 21). Procuremos ser instrumentos de unidade onde quer que nos encontremos.

"Como Tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti" (Jo 17, 21). Participar na união das Pessoas da Santíssima Trindade: no Espírito Santo, amor infinito. A verdadeira unidade entre todos é fruto do amor.

Que Santa Maria, Mãe do Amor Formoso, nos obtenha pela sua mediação materna, a graça de uma fé mais intensa no amor de Deus por nós e uma maior caridade para com os outros.

13 de abril de 2017

[Voltar ao índice](#)

MEIOS COM ALMA

"Já não vos chamo servos, visto que um servo não sabe o que faz o seu senhor; mas a vós chamei-vos amigos" (Jo 15, 15)

No início do novo milénio, S. João Paulo II salientava que todas as iniciativas apostólicas que surgissem no futuro seriam "meios sem alma" se não se centrassem em amar sinceramente todas as pessoas, em "partilhar as suas alegrias e sofrimentos, para intuir os seus desejos e atender as suas necessidades, para lhes oferecer uma verdadeira e profunda amizade"⁵².

A amizade multiplica as alegrias e dá consolo nas penas. A amizade do cristão deseja a felicidade maior – a relação com Jesus Cristo – para aqueles que lhe são próximos.

Que oração maravilhosa é esta de S. Josemaria: "Dá-nos, Jesus, um coração à medida do Teu!"⁵³. É esse o caminho para dar "alma" ao trabalho de apostolado, para levar essa alegria plena à nossa casa, ao nosso trabalho e a todos os lugares em que nos encontramos.

1 de novembro de 2019

Voltar ao índice

⁵² S. João Paulo II, Carta Novo Millennio ineunte, Roma, 6-I-2001, n. 43.

⁵³ S. Josemaria, Sulco, n. 813.

O MUNDO VOS ODIARÁ

"Se o mundo vos odeia, reparai que, antes que a vós Me odiou a Mim" (Jo 15, 18)

Amamos o mundo, criado por Deus e regenerado por Cristo, mas também encontramos o que no mundo se opõe a Jesus Cristo, sobre o qual S. João diz: "não ameis o mundo nem o que há no mundo" (1 Jo 2, 15). É a tríplice concupiscência, que não vem de Deus (cf. 1 Jo 2, 16).

Muitos cristãos vivem em ambientes indiferentes a Deus. Noutros, são assediados e perseguidos. A rejeição de Deus e daqueles que O seguem percorre a História, porque "o discípulo não está acima do Mestre" (Mt 10, 24).

O livro dos Atos dos Apóstolos aparece atravessado pela violência – desde a lapidação de Estêvão até ao iniciado martírio de Paulo –, mas a superabundância do amor a Deus dos seus protagonistas supera-a, sem lhe permitir que domine o relato, centrado no Espírito Santo, Amor infinito, e na expansão da fé.

Também nós devemos compreender e partilhar as ansiedades do nosso tempo, descobrir o que é positivo, valorizar e contribuir para o progresso material e partilhar os anseios de justiça e liberdade. Hoje, como então: "Eis que vêm dias – oráculo do Senhor Deus – em que lançarei fome sobre a terra: não será fome de pão nem sede de água, mas de ouvir as palavras do Senhor" (Am 8, 11).

Na nossa fome de levar a alegria do Evangelho a todo o mundo, encontraremos a contradição e, como os primeiros seguidores de Jesus, queremos amar não só o que é bom e belo no mundo, mas também aqueles que se mostram indiferentes ou contrários a Jesus Cristo. Misericórdia, perdão e não julgar as pessoas. Procuremos seguir, apesar da nossa debilidade, o que S. Paulo nos pede: "Não te deixes vencer pelo mal, mas vence o mal com o bem" (Rm 12, 21).

7 de março de 2018

[Voltar ao índice](#)

SENTIR A TUA PRESENÇA

"Tudo o que é Meu é Teu, e o que é Teu é Meu" (Jo 17, 10)

A presença de Deus sustenta tudo: a criação, a conservação do ser em mim, em cada um dos outros, em cada coisa...

Mas, como S. Tomás de Aquino explica, "a graça causada pela presença de Deus na alma é como a luz causada pela presença do sol no ar"⁵⁴.

O amor de Deus transforma assim a pessoa, que continua a ser a mesma, mas inundada de Deus. Por isso, a vida cristã não se reduz apenas a uma simples melhoria moral ou ética; é a identificação com Cristo, num horizonte de amor infinito.

Senhor, sê sempre sol e luz, para mim e para todos.

10 de março de 2004

[Voltar ao índice](#)

⁵⁴ S. Tomás de Aquino, Summa Theologiae, III Pars, q. 7, a. 13.

A COMUNHÃO DO AMOR

"Que todos sejam um só, como Tu, Pai, estás em mim e Eu em Ti, para que assim eles estejam em Nós, e o mundo creia que Tu Me enviaste"
(Jo 17, 21)

É a oração do Senhor pela unidade dos que viriam a ser Seus discípulos.

Que todos sejamos um. Não é apenas a unidade de uma organização humanamente bem estruturada, mas a unidade que o Amor dá: "como tu, Pai, estás em Mim e Eu em Ti". Neste sentido, os primeiros cristãos são um exemplo claro: "A multidão dos que tinham abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma" (At 4, 32).

Precisamente por ser consequência do amor, esta unidade não é uniformidade, mas comunhão. É unidade na diversidade, manifestada na alegria de conviver com as diferenças, aprendendo a enriquecer-nos com os outros, fomentando à nossa volta um ambiente de afeto.

Jesus salientou que esta unidade é condição de eficácia na transmissão do Evangelho: "Para que o mundo possa acreditar". Unidade, portanto, que não constitui um grupo fechado, mas que nos abre a oferecer a nossa amizade a todas as pessoas, nesta magnífica missão evangelizadora.

14 de março de 2019

[**Voltar ao índice**](#)

UNIDADE E DIVISÃO

"Para que assim eles estejam em Nós, e o mundo creia que Tu Me enviaste" (Jo 17, 23)

Um pai, uma mãe, que ama loucamente dois filhos, alegra-se ao ver o afeto mútuo entre eles, e sofre se vê que esse carinho lhes falta.

"Que discutíeis no caminho?", perguntou-lhes Jesus. "Ficaram em silêncio, porque no caminho tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior" (Mc 9, 33). Que decepção a de Cristo! No entanto, confiou-lhes a Igreja, como agora no-la confia a nós, que também caímos em disputas e divisões.

É uma herança muito valiosa aquela que os pais transmitem aos filhos com o exemplo do seu próprio amor mútuo, que será força para superar o egoísmo, também na sua descendência. A ausência de amor e de perdão entre os irmãos é uma ferida aberta nos pais.

Também a divisão entre os "bons" mostra que o não somos e que a unidade precisa da ajuda de Deus e de proteção permanente, não a dando como certa. Sem unidade, a nossa caridade não é credível.

Ao amarmos os outros, somos alegria para Deus e para Maria. Este pensamento, que corresponde a uma verdade muito verdadeira, será estímulo para retificar em profundidade qualquer reação de menor afeto por alguém.

17 de março de 1990

[Voltar ao índice](#)

O CENTRO DAS ESPERANÇAS

"Ficai aqui e vigiai Comigo" (Mt 26, 38)

Antes da Sua Paixão, Jesus pede a Pedro e a outros discípulos que O acompanhem em oração. Depois da morte de Cristo, podemos acompanhá-Lo e ser acompanhados de forma especialmente próxima cada vez que O visitamos num sacrário. S. Josemaria disse-nos uma vez que o tabernáculo deveria ser "o centro das esperanças".

Qual é o objeto da nossa esperança ao longo do dia? Talvez seja por vezes um jogo de futebol que nesse dia será transmitido na televisão, um filme que estamos a pensar ver, uma refeição planeada com um grupo de amigos, a prática de um desporto no dia seguinte. Muitas vezes haverá outras esperanças, mais profundas, relativas à família, ao trabalho, à situação do nosso país, à paz mundial, etc.

Esperar o encontro diário com Jesus no sacrário: isto será um sinal de amor verdadeiro. Fomentar esta esperança em tudo, centrando aí outras esperanças necessárias, e até mesmo aquelas esperanças mais banais, que acompanham a vida de uma pessoa comum. Fazer do sacrário o centro, o ponto de convergência das nossas esperanças, será um caminho seguro para crescer no amor a Cristo.

O que um coração apaixonado espera, acima de tudo, é unir-se com o seu amor.

19 de novembro de 1982

[Voltar ao índice](#)

SOFRER COM JESUS

"Cheio de angústia, pôs-se a rezar mais instantemente. E o suor tornou-se-lhe como grossas gotas de sangue, que caíam na terra" (Lc 22, 43-44)

O Senhor carregou voluntariamente com os pecados de todos os homens de todos os tempos; perante Deus Pai, a Santíssima Humanidade de Cristo sentiu esse peso, que O levou a suar sangue no Getsémani, algumas horas antes da Sua Paixão e Morte na Cruz.

A consciência viva dos nossos pecados pode provocar vários sentimentos, que devem ser orientados, à luz da filiação divina (filhos de um Deus que nos ama com infinita ternura!), para a reparação, a ação de graças pelo perdão recebido, o abandono nas Suas mãos misericordiosas... E, conseqüentemente, para o esquecimento prático habitual dos nossos pecados, embora o espírito de compunção e expiação, com a alegria dos filhos de Deus, permaneça como pano de fundo. Numa dinâmica de amor, é natural que seja assim.

Mas, de repente, pode acontecer que, juntamente com essa consciência de filiação, Deus permita um sofrimento interior especial, uma visão mais clara do pecado; uma espécie de vergonha, um descontentamento que não diminui a alegria, a confiança em Deus. Nada tem a ver com o escrúpulo, porque não tira a paz... mas continua a pesar.

É o Senhor que quer que O acompanhem no sofrimento do Getsémani, que além disso se torna geral, não só pelos nossos próprios pecados, mas pelos de toda a humanidade. Completar em nós o que falta à Paixão de Cristo, como sugere S. Paulo (cf. Cl 1, 24): é duro, mas significa acompanhar Jesus na Sua missão de único redentor da humanidade.

Que bom é Jesus Cristo que, até da memória e vergonha do nosso pecado pessoal e do alheio, nos oferece uma forma de nos unirmos a Ele, de sermos, uma vez mais, e com um novo matiz, ipse Christus, o próprio Cristo. Ao mesmo tempo, esse peso – que, se o Senhor no-lo

deixasse todo, nos esmagaria – desaparece depressa, porque é Ele que o carrega, pois nós somos fracos.

17 de março de 1977

[Voltar ao índice](#)

CANSAÇO NA ORAÇÃO

*"Simão, dormes? Não pudeste vigiar nem uma hora?"
(Mc 14, 37)*

Ter presença de Deus é saber que "n'Ele vivemos, nos movemos e existimos " (At 17, 28) e saber também que "Deus está connosco..." (Rm 8, 31) – comigo! – a toda a hora.

Às vezes cansamo-nos de fazer oração, porque talvez demos demasiado protagonismo ao esforço da vontade. Pensamos numa "oração ideal", sem distrações, sem preocupações, sem movimentos espontâneos do coração e da sensibilidade, e ainda mais, esperando "resultados".

Contemplação não é pensar em Deus, é saber-nos com Alguém presente: uma intuição simples da Sua presença, que vem do amor. Falar, muitas vezes, sem palavras.

Tomar consciência da nossa alegria de sermos filhos de Deus, sentirmo-nos incondicionalmente amados, considerar com Ele a nossa dificuldade em fazer o bem e os nossos limites, renovar a confiança e o abandono nas Suas mãos, acompanhá-Lo, como Simão Pedro, apesar de ter adormecido.

Contemplar assim, vendo em tudo uma vontade do Senhor (não de uma ideia, de um esquema): alteridade. Diálogo: não monólogo. Experimentá-lo. Dom de Deus.

Senhor, que Te veja, que Te sinta, que Te ouça.

4 de fevereiro de 1983

[Voltar ao índice](#)

O OLHAR DE CRISTO

*"O Senhor voltou-se e olhou para Pedro"
(Lc 22, 61)*

Pouco antes da Paixão, Pedro nega Jesus. Mas quando os seus olhares se encontram, o Apóstolo não percebe n'Ele qualquer censura, embora recorde o que Jesus lhe tinha dito. E depois, escreve S. Lucas, Pedro "saiu e chorou amargamente" (Lc 22, 62). O olhar de Cristo foi o caminho para o seu arrependimento e a sua conversão.

Amar os outros significa reconhecê-los e assumi-los tal como são, com os seus problemas, os seus defeitos, a sua história pessoal, o seu ambiente e os seus tempos para se aproximarem de Jesus.

Precisamos de limpar o nosso olhar de qualquer preconceito, de aprender a descobrir o que há de bom em cada pessoa e renunciar ao desejo de a querer fazer à nossa imagem.

Para que um amigo receba o nosso afeto não precisa de preencher certas condições. Como cristãos, vemos cada pessoa, antes de mais, como uma criatura amada por Deus. Cada pessoa é única, e cada relação de amizade é igualmente única.

Santo Agostinho salientou que "embora a mesma caridade seja devida a todos, o mesmo remédio não é devido a todos: a mesma caridade dá luz a uns e sofre com outros (...), é terna com uns e severa com outros, de ninguém é inimiga e de todos é mãe"⁵⁵.

Ser amigo significa aprender a tratar cada pessoa como o Senhor o faz.

1 de novembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

⁵⁵ Santo Agostinho, Catequese para principiantes, 15, 23.

PLURALISMO E CARIDADE

"O Meu reino não é deste mundo; se o Meu reino fosse deste mundo, os Meus servos lutariam para que não fosse entregue aos judeus; mas o Meu reino não é daqui" (Jo 18, 36)

S. Josemaria deixou-nos isto gravado a fogo: "Em assuntos que não são de fé, cada um pensa e age como quer, com a mais completa liberdade e responsabilidade pessoal"⁵⁶.

Para os cristãos, o pluralismo não constitui qualquer problema, mas, sim, "é uma manifestação de bom espírito"⁵⁷.

Este pluralismo deve ser amado e encorajado, mesmo que a diversidade se possa às vezes tornar penosa para alguns. Quem ama a liberdade consegue ver o que há de positivo e amável no que outros pensam e fazem nesses amplos âmbitos.

Para os que governam, outra manifestação deste espírito de liberdade é a colegialidade. Não é só nem principalmente um método ou sistema para a tomada de decisões; é sobretudo um espírito, baseado na convicção de que todos podemos e precisamos de receber dos outros luzes, dados, etc., que nos ajudem a melhorar e até a mudar de opinião. Ao mesmo tempo, isto traz consigo exatamente o positivo fomento da liberdade dos outros, para que possam expor os seus pontos de vista sem nenhuma dificuldade.

Este clima de confiança é também alimentado pela lealdade e paciência para suportar, com serenidade e bom humor, as limitações humanas, situações que contrariam, etc., com a atitude de um bom filho, que, no exercício da sua liberdade, protege bens maiores do que o seu próprio ponto de vista, mesmo que esteja convencido de que tem razão: bens como a unidade e a paz familiar, que não têm preço. Por outro lado, "quando as nossas ideias nos separam dos outros, quando nos levam a quebrar a comunhão, a unidade com os nossos irmãos, é um sinal claro de que não estamos a atuar segundo o espírito de Deus"⁵⁸.

9 de janeiro de 2018

[Voltar ao índice](#)

⁵⁶ S. Josemaria, Entrevistas, n. 98.

⁵⁷ Idem.

⁵⁸ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 17.

REI

"É como dizes: Eu sou Rei. Para isto nasci, e para isto vim ao mundo, para dar testemunho da verdade" (Jo, 18, 37)

Cristo é o Rei do Universo. Sentimo-nos governados por Ele, pelo Seu Amor, pela Sua onnipotência.

Pertencemos a um reino eterno, universal, de paz, que abrange tudo. É também um reino de santidade, porque podemos ser santos. E um reino de graça, porque é Ele que nos sustenta: Ele é a nossa paz. Em Cristo recebemos todo o amor de Deus através do Seu coração humano.

Podemos fazer esta pergunta: onde está o Teu Reino, Senhor, como podemos tornar o Teu Reino mais visível, mais presente? E Ele responder-nos-á com as mesmas palavras que disse a Pilatos: "O meu reino não é deste mundo" (Jo 18, 38). Mas já está presente entre nós, crescendo como uma semente, até se tornar uma árvore frondosa.

Perante a experiência das dificuldades na nossa vida, é necessário acreditar na ação de Deus. Se formos fiéis, o reino de Deus será uma realidade em toda a nossa vida.

A Sagrada Escritura apresenta-nos o Senhor como um pastor que cuida das suas ovelhas. Ele reina como Pastor que continuamente nos alimenta com boas pastagens, através da Sua Palavra e da Eucaristia. A Palavra de Deus que recebemos com fé enche-nos, dá sentido a toda a nossa vida e dá-nos força para que reine sobre nós.

Agradeçamos especialmente a Eucaristia, esse grandioso dom com o qual Jesus nos dá a Sua própria vida. Cristo não reina dando ordens, mas dando-nos a sua vida de modo total na Cruz e de maneira contínua na Eucaristia.

Possuímos o Reino como fruto da caridade, e agora também como antecipação, através desse dar-nos aos outros, como Ele Se nos dá.

28 de novembro de 2017

[Voltar ao índice](#)

ECCE HOMO, UM DEUS FRÁGIL

"Eis o homem" (Jo 19, 5)

Com estas palavras, Pilatos, na manhã de Sexta-feira Santa, apresentou perante o povo Cristo torturado e humilhado.

Ticiano é autor de um *Ecce Homo*, onde o Inocente, oculto como Deus e destroçado como homem, não deixa de refletir fulgores de divindade e beleza ⁵⁹. Na escuridão que muitas vezes acompanha o sofrimento, procuremos a luz em Jesus sofredor: "Eu sou a Luz" (Jo 8, 12).

S. João Paulo II exclamava: "É o homem, todo o homem, cada homem no seu ser único e irrepetível, criado e redimido por Deus (...)! *Ecce Homo...*"⁶⁰. Embora possamos estar acompanhados, a dor, em última análise, é vivida por cada um, a sós com Deus. A solidão do *Ecce Homo* recorda-nos também as pessoas a quem faltou o amor no momento da doença, da velhice e da morte. Jesus, rejeitado por todos, experimentou também a solidão. O Seu grito na Cruz, "Porque Me abandonaste?", começou antes com o silêncio sereno do *Ecce Homo*.

O *Ecce Homo* pode considerar-se um ícone da dignidade humana maltratada, significando uma presença misteriosa de Deus no sofrimento de cada pessoa. No inocente... mas também quando sofremos por causa dos nossos pecados, e pedimos a Deus que nos salve. O *Ecce Homo* carrega sobre Si todas as consequências dos pecados dos homens.

Deus também habita no coração de quem se dá desinteressadamente aos outros, pois "onde há caridade e amor, aí está Deus"⁶¹. Há tantas mulheres e homens que se entregam para além do que é devido ao serviço da profissão, da sua família e da vida quotidiana, como bons samaritanos.

Ticiano, depois do *Ecce Homo*, pintou "Mater Dolorosa com mãos abertas"⁶². Durante anos, os dois quadros estiveram

pendurados lado a lado, na mesma parede. Quando o sofrimento aparecer na nossa vida, ao olharmos para Jesus frágil, "Luz da luz", saibamos que também estamos acompanhados por Maria.

9 de abril de 2020

[Voltar ao índice](#)

⁵⁹ Ticiano Vecellio, Ecce Homo (1547), óleo sobre ardósia, Museu do Prado.

⁶⁰ S. João Paulo II, Discurso, Santiago do Chile, 3-4-1987.

⁶¹ Hino Ubi Caritas.

⁶² Ticiano Vecellio, Mater Dolorosa com mãos abertas (1555), óleo, Museu do Prado.

ENCHER O MUNDO DE HUMANIDADE

"Filhas de Jerusalém, não choreis por Mim, chorai antes por vós mesmas e pelos vossos filhos" (Lc 23, 28)

Jesus Cristo nasceu "de uma mulher" (Gl 4, 4); essa mesma mulher, Maria, com a sua ardente paixão por servir os outros, antecipou a intervenção pública do seu Filho em Caná (cf. Jo 2, 4-5).

Em momentos de abandono, foram as "filhas de Jerusalém" (Lc 23, 28) que abriram espaço na multidão para acompanhar Jesus; foram as mulheres que estiveram aos pés da Cruz quando a nossa Redenção se estava a realizar (cf. Jo 19, 25); e foi uma mulher a primeira testemunha da Ressurreição do Senhor (cf. Jo 20,16), daquela Boa Nova que depois se espalharia por todas as nações.

Da santidade da mulher depende em grande parte a santidade das pessoas que a rodeiam. Voltemos o nosso olhar para o Evangelho, para pedir a Jesus que nos conceda a força e a confiança da nossa Mãe e das santas mulheres, e a capacidade de produzir à nossa volta círculos virtuosos que encham de humanidade o mundo das profissões, a sociedade civil, as famílias.

5 de fevereiro de 2020

[**Voltar ao índice**](#)

CRUZ E PARAÍSO

*"Crucifica-O, crucifica-O!"
(Jo 19, 6)*

Depois de ter sido flagelado e coroado de espinhos, Jesus carrega o madeiro na presença das pessoas que Ele amava; é despojado das Suas vestes e, aparentemente, também da Sua dignidade; e no momento da crucificação, o Senhor dirige estas palavras a Deus Pai, recolhidas por S. Mateus: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? (Mt 27, 46; cf. Mc 15, 34).

Podemos perguntar-nos: Porquê tudo isto? Porquê a cruz?

Mesmo que só o possamos compreender em parte, a crucificação revela-nos que onde parece haver apenas debilidade, Deus manifesta o Seu poder sem limites. Onde vemos derrota, incompreensão e ódio, precisamente aí, Jesus revela-nos o grande poder de Deus: o poder de transformar a cruz em expressão de Amor.

Esta foi a experiência do "bom ladrão" no Gólgota: no seu maior fracasso e debilidade experimenta como a Cruz de Jesus se torna o lugar poderoso onde ele se sabe perdoado e amado: "Hoje estarás comigo no Paraíso", diz-lhe Jesus (Lc 23, 43).

Cruz e Paraíso. É o paradoxo cristão: na Cruz, ouvimos pronunciar a palavra Paraíso. De instrumento de tortura, violência e desprezo, a Cruz transforma-se em meio de salvação, em símbolo de esperança, porque se tornou manifestação do Amor gratuito e misericordioso de Deus, que para nós se faz presente de um modo eminentemente eficaz : na Eucaristia e nos outros sacramentos.

Olhar para o Crucificado é contemplar a nossa esperança. Adorar a santa Cruz é um gesto de fé e uma proclamação da vitória de Jesus.

30 de março de 2018

[Voltar ao índice](#)

SOFRIMENTO E CLAREZA

*"Junto à cruz de Jesus estavam, de pé, Sua mãe e a irmã da Sua mãe,
Maria, a mulher de Cléofas, e Maria Madalena"
(Jo 19, 25)*

Em conversas com pessoas muito diferentes, não faltam às vezes comentários espontâneos sobre situações de dificuldade, de sofrimento, de escuridão interior. Nessas ocasiões, costumam vir-me à memória algumas palavras de S. Josemaria sobre a Mãe de Jesus: Deus quis exaltá-la com a plenitude da graça, mas "por outro lado, durante a sua vida terrena, não foram poupados a Maria a experiência da dor, nem o cansaço do trabalho, nem o claro-escuro da fé"⁶³.

Mesmo que não cheguemos a compreender totalmente esta realidade, olhar para Maria – sobretudo aos pés da Cruz – ajuda-nos a compreender um pouco mais a experiência do sofrimento, e pouco a pouco, descobrimos o significado das palavras de S. Paulo: "Completo na minha carne o que falta às tribulações de Cristo pelo Seu corpo, que é a Igreja" (Cl 1, 24). Desta forma, o sofrimento pode converter-se em lugar onde podemos encontrar claridade, paz e mesmo alegria: a luz, o repouso, a alegria da Cruz.

9 de setembro de 2019

[Voltar ao índice](#)

⁶³ S. Josemaria, Cristo que passa, nº 172.

FILHOS COM MARIA E JOSÉ

"Depois, disse ao discípulo: 'Eis a tua Mãe!'. E, desde aquela hora, o discípulo acolheu-a como sua Mãe" (Jo 19, 27)

Bastaria considerar o papel de Santa Maria no plano da nossa salvação, e a sua incomparável união com Deus, para tentar aprender com ela a corresponder à ação divina, que nos torna também da família do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ela é a nossa Mãe precisamente porque somos filhos de Deus, irmãos de Cristo: a nossa filiação divina é ao mesmo tempo filiação a Nossa Senhora, como Jesus revela a partir da Cruz.

Deus é a única Causa da nossa graça e da nossa adoção sobrenatural, mas Ele quis dispor que nenhuma graça nos viesse senão através da mediação materna de Maria.

E, junto de Maria, está – por quere de Deus – José, que fez as vezes de pai de Jesus e que, de algum modo, faz também de pai para os que se querem identificar com Cristo, para os filhos de Deus.

S. José "é realmente pai e senhor, que protege e acompanha no seu caminho terreno aqueles que o veneram, tal como protegeu e acompanhou Jesus enquanto crescia e se fazia homem". Ele é "mestre de vida interior: porque nos ensina a conhecer Jesus, a conviver com Ele, a saber que fazemos parte da família de Deus"⁶⁴.

A relação filial com Maria e José conduz-nos a Jesus, a viver a Sua vida, a identificar-nos com Ele. E em Jesus – Filho unigénito do Pai – temos acesso à intimidade divina da Santíssima Trindade.

13 de março de 1992

[Voltar ao índice](#)

⁶⁴ S. Josemaria, Cristo que passa, n. 39.

CRISTO DISPONÍVEL

*"Quando tomou o vinagre, Jesus disse: 'Tudo está consumado'. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito"
(Jo 19, 30)*

Na Sexta-feira Santa, perante Cristo crucificado, contemplamos a imensidão do Seu Amor redentor. Amor que O levou à plena disponibilidade e obediência à vontade de Deus Pai.

O nosso seguimento de Jesus, a nossa identificação com Ele, leva também, dentro das nossas circunstâncias pessoais, a uma disponibilidade sem limites para os desafios e exigências da missão cristã de comunicar a alegria do Evangelho a todo o mundo. No nosso caminhar diário, queremos descobrir a voz de Cristo, que nos chama e nos convida a ampliar os nossos horizontes. Como S. Paulo, queremos fazer-nos "tudo para todos" (1 Cor 9, 22).

Vejamos o exemplo da disponibilidade de Guadalupe Ortiz de Landázuri⁶⁵, cujo projeto de vida adquiriu grandeza ao situar-se dentro do plano divino: deixou-se conduzir por Deus, com alegria e espontaneidade, de um lugar para outro, de um trabalho para outro. O Senhor potenciou as suas capacidades e talentos, fez desenvolver a sua personalidade e multiplicou os frutos da sua vida.

Deus também fará um grande bem a muitas pessoas através de nós, apesar dos nossos defeitos e erros, com a nossa disponibilidade para ouvir, para servir, para ajudar e nos deixarmos ajudar; numa palavra, para amar o que Ele quiser. E, sempre e em tudo, com a liberdade e a alegria das filhas e dos filhos de Deus.

9 de abril de 2019

[Voltar ao índice](#)

⁶⁵ Foi beatificada no dia 18 de maio de 2019.

CONSOLAR CRISTO E A SUA MÃE

*"Jesus disse: 'Tudo está consumado'. E, inclinando a cabeça, entregou o espírito"
(Jo 19, 30)*

Os pecados "crucificam de novo o Filho de Deus e zombam d'Ele" (Hb 6, 6).

Cristo sofreu por todos os pecados dos homens. O Seu sacrifício na Cruz foi superabundante: através do Seu próprio sangue, "entrou uma só vez no Santuário (...) tendo obtido uma redenção eterna" (Hb 9, 12).

Quem permanece em pecado despreza, de alguma forma, os frutos da Paixão, e assim o pecador, na parte que lhe toca, reabre as feridas do Filho de Deus. Agora, hoje, podemos pensar que Cristo glorioso no Céu, e Santa Maria, sofrem pelos nossos pecados atuais, de uma forma que não conseguimos entender nem explicar.

Jesus e Maria possuem a bem-aventurança plena e uma imensa felicidade, mas conhecem o hoje e o agora do pecado na Terra, e não ficam indiferentes. Não se trata só de que já sofreram há dois mil anos por esses pecados, também sofrem agora, de alguma forma misteriosa, compatível com a glória: o pecador crucifica Cristo de novo, não certamente no tempo. É talvez a presença espiritualmente atualizada da Paixão de Cristo pelos pecados atuais.

A nossa limitada experiência do tempo e a sua relação com a eternidade impossibilitam-nos de compreender o como deste facto, mas não nos impedem de o encarar como mistério, e de agir em consequência.

O desagravo, portanto, é uma realidade atual em nós, e no Senhor e em Santa Maria. A penitência, a expiação, é união atual com Cristo na Cruz, e não apenas uma união com um facto passado.

Consolar Cristo e Santa Maria, hoje e agora, não é uma piedosa metáfora, mas uma realidade urgente neste mundo que renova a

Paixão de Cristo, constantemente... E neste mundo estou incluído eu, tu, cada um de nós.

Mas será o Senhor consolado pelo nosso sofrimento? Não. O que O consola é o nosso amor, a nossa compaixão, e se em algum momento deseja a cruz para nós, não é porque deseje o sofrimento, mas porque assim, com Ele, somos mais felizes e podemos ser mais ipse Christus, o próprio Cristo, filhos de Deus.

20 de fevereiro de 1980

[Voltar ao índice](#)

CRISTO NOS OUTROS

*"Fostes comprados por um alto preço!"
(1Cor 6, 20)*

Cristo encarnou e entregou-se na Cruz por cada um de nós. Valemos a Sua vida, a Sua entrega, o Seu sacrifício.

Podemos pensar: eu, apesar do meu nada, valho um grande preço, valho todo o Sangue de Cristo!

Somos instrumentos de grande valor, mas temos de nos deixar conduzir docilmente por Jesus Cristo.

E os outros: cada alma vale todo o Sangue de Cristo!

Jesus, que ninguém nos pareça sem importância. Jesus, que nenhum problema alheio nos deixe indiferentes. Muito menos os dos meus irmãos e irmãs, os das pessoas que vivem ou trabalham comigo.

Alguns de nós fomos testemunhas desta pergunta de S. Josemaria: "Sabeis porque vos quero tanto?" E respondia: "Porque vejo borbulhar em vós o Sangue de Cristo".

Aí está o segredo. Ver Jesus nos nossos pais, nos nossos irmãos, nos nossos amigos, nos nossos colegas de trabalho ou de estudos. Ver Cristo nos que mais precisam, nos doentes, nos que convivem com feridas no corpo ou na alma, nos que perderam o emprego ou sofrem um revés familiar.

Santa Maria, mostra-nos Jesus nos outros!

27 de abril de 1978

[Voltar ao índice](#)

UMA NOVA LUZ

"Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: - Vi o Senhor"! (Jo 20, 18)

A luz de Cristo! Esta proclamação, que a Igreja faz ressoar aos nossos ouvidos por três vezes no início da Vigília Pascal, anuncia a verdade que nos enche de alegria: A luz de Cristo rompe as trevas do pecado e da morte! Jesus ressuscitou!

A escuridão do Calvário não é a última palavra. As santas mulheres, que acompanharam o Senhor na Paixão, conduzem-nos em direção à luz da Ressurreição. Jesus premeia o carinho que as levou a embalsamar o Seu corpo, e faz delas as primeiras portadoras da alegria da Páscoa.

Como às santas mulheres, a notícia da Ressurreição de Jesus também nos oferece uma nova alegria, uma nova luz. S. Paulo lembra aos Romanos que nós os cristãos nos unimos à morte do Senhor "para que, tal como Cristo foi ressuscitado de entre os mortos pela glória do Pai, também nós caminhemos numa vida nova" (Rm 6, 4).

Não estamos presos pelos nossos pecados já perdoados, pelo peso dos nossos erros passados, pelos limites atuais que notamos na nossa vida. Por isso o Apóstolo diz novamente: "Considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus" (Rm 6, 11).

Que novidade é esta a que o Senhor nos chama? Em que consiste? Consiste na luz da fé – vivificada pela caridade, sustentada pela esperança – projetada na nossa existência.

1 de abril de 2018

[**Voltar ao índice**](#)

ALI O VEREIS

"Ide, pois, e dizei aos Seus discípulos e a Pedro: Ele precede-vos a caminho da Galileia: lá O vereis, como vos tinha dito"
(Mc 16, 7)

Estas são as instruções do anjo às santas mulheres, depois de lhes ter anunciado a Ressurreição de Jesus.

Os discípulos são chamados a regressar ao lugar onde tudo começou, à terra que percorriam diariamente com o Mestre durante os seus anos de pregação.

O mesmo apelo também nos é dirigido: regressar à nossa Galileia, à nossa vida quotidiana, mas trazendo-lhe a luz e a alegria da Ressurreição.

O Papa Francisco recordou-o há alguns anos: "Regressar à Galileia significa acima de tudo regressar àquele ponto incandescente onde a graça de Deus me tocou no início da minha viagem. Com esta faísca, posso acender o fogo para hoje, para todos os dias, e trazer calor e luz aos meus irmãos e irmãs"⁶⁶.

Recebamos a luz que Ele nos quer dar e partilhemo-la no nosso ambiente. Como as santas mulheres, anunciemos alegremente a realidade de que Cristo vive.

Recorramos para isso à intercessão de Nossa Senhora, cujo rosto – perante a Ressurreição do seu Filho – nos aparece radiante de alegria.

1 de abril de 2018

[Voltar ao índice](#)

⁶⁶ Francisco, Homilia na Vigília Pascal, Roma, 19-4-2014.

UMA PERGUNTA DO SENHOR

"Amas-me?" (Jo 21, 17)

A vida cristã é uma resposta livre, cheia de iniciativa e disponibilidade, a esta pergunta do Senhor.

Nós podemos amar porque Ele nos amou primeiro (cf. 1 Jo 4, 10). A fé no amor de Deus por cada uma e por cada um de nós (cf. 1 Jo 4, 16) leva-nos a corresponder por amor.

Como é libertador saber que Deus nos ama; como é libertador o perdão de Deus, que nos permite regressar a nós mesmos e à nossa verdadeira casa (cf. Lc 15, 17-24).

Enche-nos de segurança saber que o Amor infinito de Deus se encontra não apenas na origem da nossa existência, mas em cada instante, porque Ele é mais íntimo a nós do que nós próprios⁶⁷.

Saber que Deus está à nossa espera em cada pessoa (cf. Mt 25, 40), e que quer fazer-se presente nas suas vidas também através de nós, leva-nos a procurar dar abundantemente aquilo que recebemos.

Na nossa vida, recebemos e continuamos a receber muito amor. Dá-lo a Deus e aos outros é o ato mais próprio da liberdade. "Quando uma mãe se sacrifica por amor aos filhos, fez uma escolha; e, segundo a medida desse amor, assim se manifestará a sua liberdade"⁶⁸. O amor realiza a liberdade, redime-a: fá-la encontrar-se com a sua origem e com o seu fim, o Amor de Deus.

9 de janeiro de 2018

[Voltar ao índice](#)

⁶⁷ Cf. Santo Agostinho, Confissões, III, 6, 11.

⁶⁸ S. Josemaria, Amigos de Deus, n. 30.

DESPOJADO

"Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao céu e sentou-se à direita de Deus" (Mc 16, 19)

Jesus tomou a forma de servo: sendo de condição divina, "não considerou uma usurpação ser igual a Deus, mas humilhou-se a Si mesmo, tomando a condição de servo, tornando-se semelhante aos homens" (Fl 2, 6-7).

Desprende-se totalmente de ser tratado como Deus: de Belém até à cruz.

E também até agora: com a Ascensão, desprende-se de se apresentar ressuscitado e glorioso no Templo, perante o Sinédrio... perante os seus acusadores.

Um itinerário que é sempre atual: desprendermo-nos do nosso "eu" para vivermos e nos alegrarmos por Cristo, com Cristo e em Cristo.

25 de fevereiro de 2010

[Voltar ao índice](#)

A PROMESSA DO ESPÍRITO

*"Quando chegou o dia de Pentecostes (...), todos ficaram cheios do Espírito Santo"
(At 2, 1 e 4)*

A missão visível: o grande Dom, o amor pessoal mútuo do Pai e do Filho. Fogo purificador e vento que irrompe impetuosamente: conhecimento, amor e impulso evangelizador. Os apóstolos, corajosos e cheios de sabedoria, são agora capazes de compreender e de transmitir a Boa Nova.

A missão invisível: o Espírito Santo, "doce hóspede da alma"⁶⁹. Ele torna-nos filhos de Deus, "porque todos os que se deixam guiar pelo Espírito, esses é que são filhos de Deus (...), pois esse mesmo Espírito dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus" (Rm 8, 14 e 16). Esse testemunho é o amor filial na nossa alma, que queremos que governe o nosso dia: fogo e vento impetuoso.

No Pentecostes, em Jerusalém, começa o caminho da Igreja entre as nações. "Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia..." (At 2, 9), a humanidade, convocada para receber a dádiva do Ressuscitado. A Igreja, visivelmente, é um Povo; constitutivamente, é o Corpo de Cristo; operativamente, Sacramento de salvação. Povo de Deus, informado e unido pelo Espírito Santo, com o Papa como princípio visível da unidade de fé e comunhão.

A Igreja é também um conjunto de homens frágeis, que precisamos de ser continuamente ensinados pelo Espírito Santo. "O Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Ele é que vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que Eu vos disse" (Jo 14, 26).

Ensina-nos a verdade sobre Deus, sobre o mundo, sobre os outros, sobre nós próprios. A Verdade que nos faz livres (cf. Jo 8, 32).

Maria no Pentecostes: filha de Deus Pai, mãe de Deus Filho, esposa do Espírito Santo, mãe da Igreja nascente.

4 de junho de 1995

[Voltar ao índice](#)

⁶⁹ Sequência da Missa de Pentecostes.

O ÚLTIMO PORQUÊ

"Portanto, já não sois estrangeiros nem imigrantes, mas sois concidadãos dos santos e membros da casa de Deus"
(Ef 2, 19)

Se procuramos uma compreensão profunda, radical e realista da nossa vida, devemos antes de mais elevar o nosso olhar para o Céu.

Só em Deus, no Seu desígnio global sobre a nossa História, podemos encontrar o porquê e o para quê da existência. Não só porque somos criaturas, mas porque, além disso, "fomos colocados na Terra para entrar em comunhão com o próprio Deus"⁷⁰.

A natureza humana possui, em si mesma, uma consistência e uma dignidade criatural. Contudo, o último porquê da sua efetiva criação por Deus está para além de si mesma.

Deus criou-nos, porque quis, para nos dar gratuitamente uma dignidade superior: sermos Seus filhos, para alcançarmos a felicidade de ser *domestici Dei*, da Sua família (cf. Ef 2, 19).

Criou-nos de tal forma que pudéssemos ser introduzidos na Sua intimidade familiar, na vida do Pai, do Filho e do Espírito Santo, sem destruir, sem forçar a nossa própria natureza de criaturas.

A forma dessa introdução, dessa adoção, por meio da graça santificante, é a filiação divina: entramos em comunhão com Deus pela via da filiação, que em Deus é o próprio Filho unigénito do Pai.

4 de janeiro de 1992

[Voltar ao índice](#)

⁷⁰ S. Josemaria, *Cristo que passa*, n. 100.

COMUNHÃO E ETERNIDADE

"Damos graças a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, nas orações que continuamente fazemos por vós, desde que ouvimos falar da vossa fé em Cristo Jesus e do amor que tendes por todos os santos, por causa da esperança que vos está reservada nos céus" (Cl 1, 3-5)

A nossa esperança está no céu; uma esperança que ilumina os nossos passos na terra e nos fala de que o mundo em que vivemos será um dia transformado "num novo céu e uma nova terra" (2Pd 3, 13).

Diz-nos também que as nossas atividades diárias têm um sentido que vai mais além do que vemos no imediato: adquirem vibração de eternidade se as fizermos por amor a Deus e aos outros.

Outra realidade que nos enche de consolo é a comunhão dos santos. Como nos anima saber que nunca estamos sós, que em Cristo somos um só Corpo! Edificamos a Igreja no sítio onde estamos: todos juntos, ao mesmo tempo e em todo o lado. Apoiamo-nos mutuamente!

4 de novembro de 2018

[Voltar ao índice](#)

VASOS DE BARRO

"O que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, o coração do homem não pressentiu, isso preparou Deus para aqueles que O amam"
(1 Cor 2, 9)

Na Solenidade de Todos os Santos, festejamos a santidade discreta, simples. A santidade sem brilho humano, que parece não deixar rasto na História, mas que brilha diante de Deus e deixa no mundo uma sementeira de Amor da qual nada se perde.

Pensando em tantos homens e mulheres que já percorreram este caminho e agora gozam de Deus, lembrei-me de algumas palavras da oração de S. Josemaria : "Pergunto-me muitas vezes ao dia: que acontecerá quando toda a beleza, toda a bondade, toda a infinita maravilha de Deus for derramada neste pobre vaso de barro que sou eu, que somos todos nós? (...). E então, posso explicar-me bem o que o Apóstolo disse: 'Nem olho viu, nem ouvido ouviu...' (1 Cor 2, 9). Vale a pena, meus filhos, vale a pena"⁷¹.

Somos uns pobres vasos de barro: frágeis, quebráveis. Mas Deus criou-nos para nos encher da Sua felicidade, para sempre. E já agora, na Terra, dá-nos a Sua alegria para que a possamos transmitir a todos.

Sim, é possível estarmos contentes no meio de incertezas, problemas e preocupações. Santa Teresa de Calcutá dizia: "O verdadeiro amor é aquele que nos causa dor, que dói, e ao mesmo tempo nos dá alegria"⁷².

Acompanhemos também com a nossa vida e a nossa oração aqueles defuntos que, embora sofram porque o seu "vaso de barro" ainda não está preparado para toda essa beleza de Deus, já têm a alegria de saber que Ele os espera no céu.

1 de novembro de 2017

[Voltar ao índice](#)

⁷¹ S. Josemaria, Obras 1966, pp. 8-9 (AGP, Biblioteca, P03).

⁷² Santa Teresa de Calcutá, Não Há Maior Amor, Ed. Livros do Brasil, Lisboa 1996.

SOBRE

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2021

[**www.opusdei.pt**](http://www.opusdei.pt)

Consulte a lista completa de ebooks gratuitos